

CLAUDIO MARCOS PRAXEDES DIAS

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS: A
IMPORTÂNCIA DO APRENDIZADO PARA A DOCÊNCIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal de
Sergipe obtenção do título de Mestre em
Educação sob a orientação da Profa. Dra.
Veleida Anahí da Silva

**SÃO CRISTÓVÃO
MAIO DE 2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

D541f Dias, Claudio Marcos Praxedes
A formação do professor de ciências contábeis : a importância do aprendizado para a docência / Claudio Marcos Praxedes Dias. – São Cristóvão, 2010.
92 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2009.

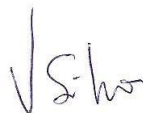
Orientador: Profª Drª Veleida Anahí da Silva.

1. Educação – Formação profissional. 2. Docência. 3. Contabilidade. I. Título.

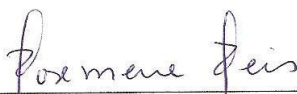
CDU 378.22:657

“A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS: A
IMPORTÂNCIA DO APRENDIZADO PARA A DOCÊNCIA”


APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM
31 DE MAIO DE 2010



PROF^a. DR^a. VELEIDA ANAHÍ DA SILVA



PROF^a. DR^a. ROSEMEIRE REIS DA SILVA



PROF^a. DR^a. MARIA INEZ OLIVEIRA ARAUJO

Suplente

Aos meus pais pelo carinho e
dedicação, a Deus pela vida e
a todos que se fizeram
presente em minha jornada.

Agradecimentos

À cidade de Aracaju pela acolhida.
À professora Veleida pela paciência e compreensão.
À professora Inêz e Anamaria Bueno modelos de profissionais aos
quais me inspiraram.
Aos amigos Marcelo e Janaína que deram o pontapé inicial para
que se realizasse este sonho.
Particularmente ao professor Bernard Charlot que, mesmo sem
saber, contribuiu para esta etapa, por sua conduta e sua
humildade.
Ao amigo Glauber pela caminhada e companheirismo no decorrer
deste mestrado
A todos que direta ou indiretamente contribuíram com a pesquisa
e com a conclusão deste mestrado.

“Todo o homem recebe duas espécies de educação: a que lhe é dada pelos outros, e, muito mais importante, a que ele dá a si mesmo.”

Edward Gibbon

RESUMO

O presente trabalho teve como foco o estudo da formação dos professores de Contabilidade e sua importância para o exercício da docência. Foram pesquisados no total quatorze professores, sendo sete do Centro Universitário de Gurupi – UNIRG, em Tocantins e sete da Universidade Tiradentes – UNIT, em Sergipe. Foram aplicados questionários e entrevistas para levantamento dos dados. A pesquisa sobre a formação do professor de Contabilidade é complexa por se tratar de um curso extremamente tecnicista em que o mercado oferece melhores remunerações do que a atividade docente. Alia-se isso ao não preparo do docente ao longo de sua formação, seja na graduação seja na pós-graduação. A maioria possui somente a especialização e esta aborda a área pedagógica de forma superficial não sendo suficiente para o exercício da docência. Ainda há a pouca participação das IES em suprir tais demandas, salvo algumas que realmente tendem a oferecer cursos de capacitação em didática. Apesar de ser uma profissão antiga o seu ensino superior é recente, tendo muito a galgar. A pesquisa abordou os aspectos relativos à formação do professor, sua importância para o exercício da atividade docente e permeou-se entre os aspectos relevantes para os professores através de entrevistas orais e aplicação de questionários. Observa-se, ao final, que a ampliação dos cursos strictu sensu, melhorias salariais, de estrutura nas IES são alguns pontos, de vários, a serem superados para que se consiga qualificar os docentes, e podemos acrescentar aí como consequência, um aumento nos estudos na área do ensino de Contabilidade.

Palavras-chave: Formação, Ensino-Aprendizagem, Contabilidade, Docência

RÉSUMÉ

Le travail en question avait des études sur la formation de professeur de comptabilité et la influence dans l'enseignement et d'apprentissage . Nous avons cherché quatorze professeurs , sept professeurs du Centre Universitaire de Gurupi – UNIRG localisé Tocantins et sept de l'Université Tiradentes – UNIT localisé en Sergipe. Ont été appliquées des questionnaires et d'entretiens pour échantillonnage données. L'étude sur la formation du professeur de comptabilité est nécessaire dedicacer et travail , parce qu'il est um stage technique ou le marche offre les meilleur salaires que l'activité d'enseignement. Il y a aussi le manque de préparation en premier cycle ou troisieme cycle. Le grand part a seulement spécilalisation et l'approche est superficielle, ce n'est pas suffisant pour l'exercice de l'enseignement. Il ya encore peu de participation des IES , sauf quelques uns qui donnent des cours couvrent. Tout en étant un ancien métier leurs études supérieures est récente, ayant beaucoup a faire . Grossissement des cours strictu sensu, les meilleur salaires , structures IES sont quelques points a surmonter pous la qualification des professeurs et la consequence va augmenter les études de comptabilité.

Mots clés – Formation, éducation, apprentissage , comptabilité, enseignement.

SUMÁRIO

Lista de Figuras.....	09
Lista de Quadros	10
Lista de Tabelas	11
INTRODUÇÃO	12
I. O ENSINO DA CONTABILIDADE E SUA HISTÓRIA	15
1.1 A História da Contabilidade no Brasil	15
1.2 O Brasil Colônia e as Aulas de Comércio	16
1.3 Os Cursos Profissionalizantes ou de Ensino Técnico	19
1.3.1 O Curso profissionalizante comercial.....	21
1.4 O Ensino Superior de Contabilidade: Criação e Formas Atuais.....	25
1.5 O ensino contábil em Sergipe	25
1.6 O ensino contábil em Tocantins.....	25
II. A FORMAÇÃO DOCENTE	27
2.1 A Formação do Professor de Contabilidade	27
2.2 Habilidades e Competências Exigidas ao Professor de Contabilidade	30
2.3 Ensino e Aprendizagem no Curso de Ciências Contábeis	33
III. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
3.1 Caracterização da Pesquisa, Universo, Amostra e Seleção de Sujeitos	38
3.2 Da Construção do Questionário e da Entrevista	40
IV. RESULTADOS DA PESQUISA	44
4.1 Análise e Interpretação dos Questionários	44
4.2 Análise e Interpretação das Entrevistas.....	54
V. CONCLUSÕES	62
REFERÊNCIAS	64

APÊNDICES	67
Apêndice I: Questionário de entrevista dos professores	68
Apêndice II: Carta de concessão de direitos	70
Apêndice III: Roteiro de entrevista.....	71
Apêndice IV: Entrevista professores UNIRG	72
Apêndice V: Entrevista professores UNIT.....	86

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Classificados do Jornal do Commercio	17
Figura 02: Classificados do Jornal do Commercio	18
Figura 03: Evolução do Ensino da Contabilidade no Brasil	18
Figura 04: Formação Técnica e Acadêmica do Professor de Contabilidade.....	29

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Reforma do Ensino Comercial de Nível Médio	21
Quadro 02: Instituições de Ensino Superior em Contabilidade de Sergipe	22
Quadro 03: Instituições de Ensino Superior em Contabilidade de Tocantins	23
Quadro 04: Formação técnica e acadêmica do professor – característica e principais elementos.....	30
Quadro 05: Competência Global do Professor	32
Quadro 06: Identificação do Pesquisado.....	41
Quadro 07: Formação e Capacitação	41
Quadro 08: Relação Ensino-Aprendizagem	41
Quadro 09: Formação e Capacitação	42
Quadro 10: Relação Ensino-Aprendizagem	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Cursos <i>strictu sensu</i> no Brasil	24
Tabela 02: Grau de Formação	27
Tabela 03: Tempo de Docência Superior	39
Tabela 04: Sexo dos Pesquisados	39
Tabela 05: Idade dos Pesquisados	40
Tabela 06: Tempo de Dedicção à Faculdade	40
Tabela 07: Pontuação por Professor da UNIRG.....	55
Tabela 08: Pontuação Por Professor da UNIT	55
Tabela 09: Variação de Pontuação entre UNIRG e UNIT por Professor	55

INTRODUÇÃO

O estudo do ensino da Contabilidade é por si só um grande desafio, seja por seu caráter peculiar, tendo em vista tratar-se de um curso com foco tecnicista, prático, seja por produções incipientes dentro da área. Levando-se em conta que é uma das profissões mais antigas que se tem conhecimento, pois data-se da pré-história, o seu ensino ainda caminha a passos lentos. No Brasil particularmente, percebemos que há uma demanda considerável por esta área de concentração, tanto no que se concerne à pesquisa quanto na produção literária voltada às técnicas pedagógicas aplicáveis ao ensino contábil e também aos temas técnicos e específicos da Contabilidade.

A própria formação do professor de Contabilidade é pouco abarcada nas graduações. Não se contempla dentro da grade curricular do curso a possibilidade de que o profissional venha a se tornar professor, apesar de constar no quadro de profissões expostas pelo Conselho Federal de Contabilidade (CFC) na Resolução 560/1983:

Art. 2º O Contabilista pode exercer as suas atividades na condição de profissional liberal ou autônomo, de empregado regido pela CLT, de servidor público, de militar, de sócio de qualquer tipo de sociedade, de diretor ou de Conselheiro de quaisquer entidades, ou em qualquer outra situação jurídica pela legislação, exercendo qualquer tipo de função.

Essas funções poderão ser as de: analista, assessor, assistente, auditor ,interno ou externo, conselheiro, consultor, controlador de arrecadação, "controller", educador, escritor ou articulista técnico, escriturador contábil ou fiscal, executor subordinado, fiscal de tributos, legislador, organizador, perito, pesquisador, planejador, professor ou conferencista, redator, revisor [...]

Art.3º São atribuições privativas dos profissionais da contabilidade:

[...]

44) - magistério das disciplinas compreendidas na Contabilidade, em qualquer nível de ensino no de pós-graduação; (grifo nosso)

Normalmente o aluno de destaque dentro do meio acadêmico do curso geralmente é convidado a ministrar aulas após o término da graduação e muitas vezes não possui nem ao menos uma especialização. Há também aquele profissional prático no mercado o qual é requisitado a se tornar um docente e que não possui nenhum preparo pedagógico para exercer tal função. Uma das justificativas para a baixa procura da profissão docente é que a remuneração do mercado para o profissional contador é maior do que se oferece ao docente, o que deixa de atrair bons profissionais. Conforme Fávero (*apud* Nossa, 1999, p.8), “a área contábil ainda encontra um outro agravante que é o setor empresarial oferecendo melhores

condições de trabalho aos profissionais mais qualificados, e retirando do ensino aqueles que poderiam dar maior impulso ao seu desenvolvimento”.

Nesse contexto faz-se uma reflexão crítica quanto à exigência da LDB/96 sobre a indissociabilidade de ensino-pesquisa-extensão. Se por um lado os cursos de Ciências Contábeis são carentes de docentes e aí aceitam-se profissionais despreparados para tal, por outro lado não há como se atender tal exigência da LDB, sendo que, pelo despreparo e desqualificação principalmente na área de pesquisa, adquirida pela formação *strictu sensu*, não há que se dizer em triangulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Assim sendo, cabe responder a seguinte questão: De que forma se dá a formação do professor em Contabilidade e qual a sua importância no exercício da docência?

Busca-se então, compreender a formação do docente em Contabilidade e como se transmite o conhecimento deste para como os discentes. Assim, ter estas informações é de suma importância para que se caminhe em direção a uma progressão consistente dos conhecimentos pedagógicos e de ensino.

Para a execução do trabalho foram escolhidas duas Instituições de Ensino Superior (IES), uma localizada em Tocantins e outra em Sergipe. Estas foram escolhidas por terem similaridades nos cursos de Ciências Contábeis e por ser de fácil acesso às informações tendo em vista que trabalhei nestas instituições como professor e em uma delas como coordenador de curso. Foram utilizados como instrumentos de pesquisa o questionário e a entrevista, direcionados aos professores contadores de cada instituição.

Este trabalho abarca inicialmente a contextualização histórica do ensino da Contabilidade, permeando sua criação oficial no Brasil e sua trajetória até os dias atuais. No segundo capítulo apresento a sobre a formação dos professores em Contabilidade, habilidades e competências, ensino-aprendizagem e a discussão de alguns trabalhos dentro da área como Ivam Ricardo Peleias (2006). Já no terceiro capítulo abordo toda a trajetória da metodologia e métodos para a execução do trabalho, desde as escolhas, dificuldades e alterações ao longo do trajeto. No quarto capítulo apresento os resultados da pesquisa, os dados quantitativos obtidos através do questionário e a discussão das entrevistas. Finalizando, são colocados as considerações finais e as sugestões de futuros trabalhos considerados complementares ao aqui apresentado.

Estudar a trajetória de formação do professor por si só requer muito estudo e trabalho tendo em vista haver uma gama de variáveis implícita nesta formação. E quando se estuda esse professor em um curso de caráter mais tecnicista como o de Ciências Contábeis as dificuldades aumentam ainda mais. Mora aí então a relevância de tal estudo: buscar

compreender o caminho trilhado por professores com formação técnica e como estes têm influência no cotidiano de aprendizagem dos discentes. Com isso talvez possamos dar uma luz sobre pontos que para muitos se tornam obscuros e, quem sabe, auxiliar no entendimento da realidade docente do curso, movimentando de forma contundente para uma prática pedagógica, não se atendo somente às matérias específicas do curso.

I O ENSINO DA CONTABILIDADE E SUA HISTÓRIA

1.1 A História da Contabilidade no Brasil

O ensino da contabilidade no Brasil se dá com a chegada da família real ao país em 1808. Não se pode dizer, porém, que não havia tal atividade antes, posto que a Contabilidade é tão antiga quanto a humanidade:

Não é descabido afirmar-se que a noção intuitiva de conta e, portanto, de Contabilidade seja, talvez tão antiga quanto a origem do *Homo sapiens*. Alguns historiadores fazem remontar os primeiros sinais da existência de contas a aproximadamente 2.000 anos a.C. Entretanto, antes disto, o homem primitivo, ao inventariar o número de instrumentos de caça e pesca disponíveis, ao contar seus rebanhos, ao contar suas ânforas de bebidas, já estava praticando uma forma rudimentar de Contabilidade. (IUDÍCIBUS, 2006, p.34)

Entretanto tem-se este marco pela instituição formal das aulas de Comércio no país. Esta se deu inicialmente na cidade do Rio de Janeiro, no Instituto Comercial do Rio de Janeiro.

A preocupação com o ensino da Contabilidade foi cristalizado pelo aumento na atividade comercial no país, justo por tornar-se sede do Império Português, modificando, conforme Peleias (*et al.* 2007), toda a sua estrutura econômica, política e social: a “Colônia sofreu grandes alterações. Dentre as mudanças ocorridas, realçou a preocupação do governo com os negócios públicos e privados”.

Em 23 de novembro de 1808 foi criada uma cadeira de Aula Pública de Ciências Econômicas no Rio de Janeiro, cujo docente era o Visconde de Cairú (José da Silva Lisboa) que contribuiu de sobremaneira para os estudos de Contabilidade. Um dos marcos importantes para a propulsão da Contabilidade foi a derrocada do regime escravocata, levando os recursos a se instalarem em outras atividades produtivas, impulsionando os negócios em diversas áreas. Peleias (2007, p.24) afirma que “o país conheceu, pela primeira vez, um período financeiro áureo de grande movimento de negócios.”

A Contabilidade então precisou se adaptar e evoluir para atender a esta nova fase do país. Percebe-se que há uma correlação intrínseca entre a evolução da contabilidade e as transformações históricas da sociedade. A crescente industrialização do Brasil no final do século XIX e intensificação no séc. XX, principalmente após as duas grandes guerras, efetivaram a concretização do ensino contábil, principalmente em atendimento à demanda

produtiva existente. Neste contexto houve a instalação do Ensino Comercial pelo decreto n.º 1339 de 09.01.1905 e os Cursos Profissionalizantes pelo Decreto n.º 17329 de 28.05.1926.

1.2 O Brasil Colônia e as Aulas de Comércio

A História da Contabilidade no Brasil data de 1530 aproximadamente (SILVA *et al.*, 2008) com o desenvolvimento das primeiras Alfândegas. Em 16 de julho de 1679 cria-se, através da Carta Régia, a Casa dos Contos, órgão incumbido da fiscalização das receitas e despesas do estado. Do período de 1.500 a 1.808, as atividades mercantis no Brasil eram incipientes, pois estas eram meramente especulativas. Conseqüentemente houve reflexo na educação e na atividade profissional dos responsáveis pela contabilidade, conhecidos como “Guarda-livros” ou “Contador Geral”, estes ligados à esfera pública. Araújo (p. 28, 1999) destaca que “há, para o nosso atraso bibliográfico, razões muito plausíveis do ponto de vista do colonizador. Em princípio, o século XVI brasileiro só tem, para Portugal, um interesse especulativo”.

Temos com a vinda para o Brasil da Família Real, em 1.808, uma forma mais concreta de ensino profissionalizante na área contábil. Conforme Peleias (2007) a atividade comercial no Brasil era resumida à revenda de mercadorias produzidas fora do país. Ainda, “ao tornar-se sede do Império Português, a situação econômica, política e social da, então, Colônia sofreu grandes alterações. Dentre as mudanças ocorridas, realçou a preocupação do governo com os negócios públicos e privados” (PELEIAS, 2007).

Não se pode falar, porém, que não existia método contábil no período anterior a 1.808. Existia, porém com relatos ou fontes esparsas. Ricardino (2001) cita três datas principais como primeiros passos para o ensino da contabilidade no Brasil:

1808 – Em 23 de fevereiro, criação da Cadeira de Economia Política, que, foi mais tarde denominada “Aula de Comércio”, pelo Decreto 456 de 6 de julho de 1846.

1810 – Criação da Academia Real Mineira.

1856 – Criação do Instituto Comercial do Rio de Janeiro por transformação da “Aula de Comércio”.

Já Peleias (2007) atribui a data da criação da Cadeira de Aula Pública de Ciências Econômica ao dia 23 de “novembro” de 1808, no Rio de Janeiro por mérito de José da Silva Lisboa, Visconde de Cairú. E em 1809, foram criadas as Aulas de Comércio, por meio de

Alvará de 15 de julho desse ano, iniciando-se o ensino comercial no Brasil. Para Silva (*et al.* 2008):

O processo de escrituração contábil nos órgãos públicos tornou-se obrigatório em Portugal através do Alvará de 24 de dezembro de 1768. No Brasil, a primeira referência oficial à escrituração e relatórios contábeis ocorreu no ano de 1808, elaborada pelo Príncipe Regente D. João VI, conforme dispõe o texto da Carta:

Para o método de Escrituração e fórmulas de Contabilidade de minha real fazenda não fique arbitrário a maneira de pensar de cada um dos contadores gerais, que sou servido criarem para o referido Erário: - ordeno que a escrituração seja mercantil por partidas, por ser a única seguida pelas nações mais civilizadas, assim pela sua brevidade, para o manejo de grandes somas como por ser mais clara e a que menos lugar dá a erros e subterfúgios, onde se esconde a malícia e a fraude dos prevaricadores.

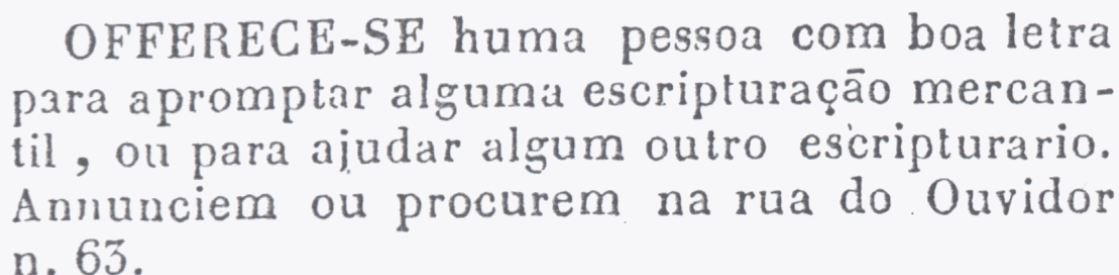
Ericeira (*apud* PELEIAS, 2003) levanta a possibilidade de ter existido Aulas de Comércio anterior a 1808, no Maranhão a partir de 1755. A partir de 1830 houve uma maior configuração das Aulas, “por meio de decretos, ao qual o governo imperial aprovou, estabeleceu e modificou as condições de ofertas dessas Aulas” (PELEIAS, 2007 p. 24).

Com a derrocada do regime escravocrata, entre 1810 e 1888, o Brasil tem um período áureo nos negócios, devido ao desvio dos recursos públicos para outras áreas produtivas.

Peleias (2007, p. 24) afirma que:

Somado ao efeito indireto do incremento das atividades comerciais inglesas, que voltaram ao país após o final do conflito em razão do comércio de escravos, a perda de importância relativa desse comércio até sua extinção teve impacto positivo no desenvolvimento econômico do Brasil no período. Esse foi o cenário para uma maior regulamentação do ensino comercial e da Contabilidade.

Na figura 01 e figura 02 mostram-se as exigências para o profissional da contabilidade à época.



OFFERECE-SE huma pessoa com boa letra para apromptar alguma escripturação mercantil, ou para ajudar algum outro escripturario. Annunciem ou procurem na rua do Ouvidor n. 63.

Figura 01: Classificados do Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 13/10/1835
Fonte: Silva (*et al.* 2008)

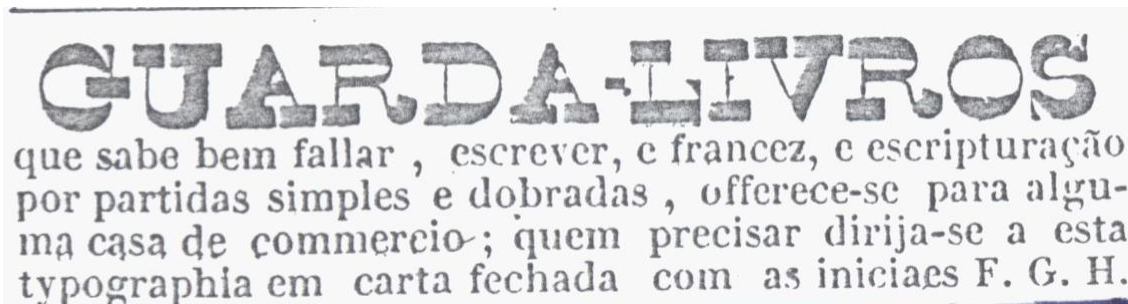


Figura 02: Classificados do Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 23/01/1850
 Fonte: Silva (et al. 2008)

A partir da Proclamação da República, grandes mudanças no ensino foram verificadas no Brasil. A extinção do Instituto Comercial do Rio de Janeiro e sua substituição pela Academia do Comércio do Rio de Janeiro em 1905 foi um marco para o ensino da contabilidade no século XX. Ainda em 1905 o Decreto nº 1339 que referendava a Academias de Comércio do Rio de Janeiro, também abrangeu a Escola Prática de Comércio de São Paulo e à Academia de Comércio de Juiz de Fora (PELEIAS p. 26, 2007).

Entre 1905 e 1931 ocorreram ainda várias mudanças, entre elas Peleias (p. 26, 2007) cita:

O Decreto no. 20158, de 30.06.1931, regulamentou a profissão de contador e reorganizou o ensino comercial, dividindo-o nos níveis propedêutico, técnico e superior. O propedêutico exigia o mínimo de doze anos para ingresso e realização de exames admissionais. No técnico, dividiu o ensino comercial em ramificações: secretário, guarda-livros e administrador-vendedor, com duração de dois anos, e atuário e perito contador, com duração de três anos. A análise da grade curricular revela a oferta de disciplinas contábeis aplicadas aos negócios mercantis, industriais, agrícolas e bancários.

Conforme a figura 03 pode-se verificar a evolução do ensino da Contabilidade no Brasil.

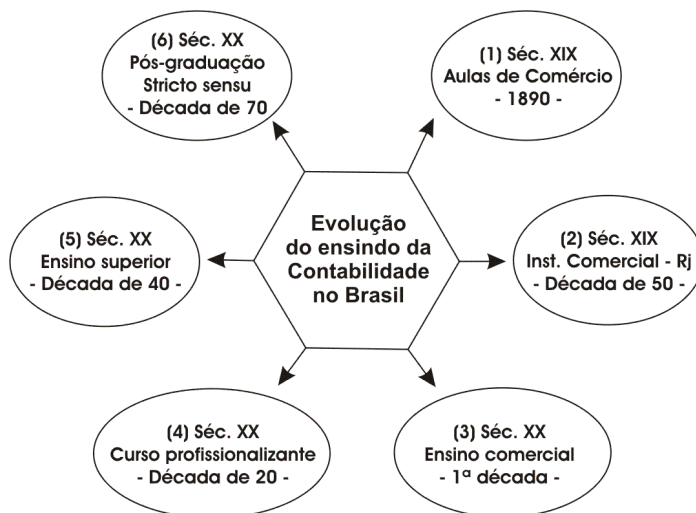


Figura 03: Evolução do ensino da Contabilidade no Brasil
 Fonte: PELEIAS (et al 2007).

Em 1943, pelo Decreto-lei n.º 6141, há a normatização das bases de organização e de regime do ensino comercial, centrando-o em dois ciclos: “o primeiro com um curso comercial básico e um segundo com cinco cursos de formação, denominados cursos comerciais técnicos, dentre eles o de Contabilidade. Na mesma data, o Decreto no. 14373 regulamentou a estrutura dos cursos de formação do ensino comercial” (PELEIAS p. 26, 2007).

1.3 Os Cursos Profissionalizantes ou de Ensino Técnico

Pode-se entender como curso profissionalizante ou de ensino técnico os destinados a formar profissionais de nível técnico e que em alguns casos são equiparados ao ensino médio.

Veiga (2007, p. 250) descreve que desde o início da República houve empreendimentos voltados ao ensino profissionalizante, mas somente a partir de 1940 ele se acentua, com a decretação das leis orgânicas de ensino técnico-profissional.

No período de 1909, na presidência de Nilo Peçanha, foram criadas escolas de aprendizes¹ e artífices² para o ensino profissional primário gratuito e eram destinados a meninos entre 10 e 13 anos, para prepará-los para o trabalho e para serem úteis à nação (VEIGA, 2007).

Essa acentuação descrita por Veiga (2007) dá-se principalmente devido à industrialização ocorrida no período do governo de Getúlio Vargas:

A partir da década de 1930, durante o governo de Getúlio Vargas, a industrialização brasileira sofre expressiva transformação quantitativa e, fundamentalmente, qualitativa, sobretudo na fase do Estado Novo, quando é adotada uma série de medidas visando à implantação de um núcleo urbano-industrial, que acaba por gerar mudanças significativas na economia do país. (CEFET, 2008)

Não obstante, o aquecimento da indústria brasileira ocasiona a intensificação na qualificação ou preparação de mão-de-obra mais especializada para atuarem nas indústrias, principalmente as de base. As políticas nacionais da era Vargas são voltadas para diminuir a dependência do país frente à importação de insumos e matérias-primas de básicas. Com isso

¹ Conforme o dicionário Escolar Língua Portuguesa, significa Pessoa que aprende um ofício ou arte; principiante, inexperiente.

² No dicionário Escolar Língua Portuguesa, obreiro significa artesão, operário, oficial mecânico; o que professa alguma arte.

foram criadas a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em 1941; A Companhia Vale do Rio Doce em 1942; a Fábrica Nacional de Motores (FNM) e da Fábrica Nacional Álcalis em 1943. O Brasil tenta implantar uma indústria de base modera, buscando o desenvolvimento econômico do país, alo lado dos demais setores tradicionais.

Neste contexto as reformas implantadas por Gustavo Campanema entre 1942 e 1946, época em que esteve à frente do Ministério da Educação e Saúde Pública, são de fundamental importância para a organização do ensino de um modo geral, e em particular ao ensino profissionalizante. Uma das importantes medidas foi a criação da Escola Técnica Nacional, inaugurada oficialmente em 07 de outubro de 1944, apesar de estar funcionando desde 1942. Sua função básica era a de formar profissionais especializados para a indústria e atuava em dois níveis: cursos industriais básicos, equivalente ao chamado curso ginásial e os cursos industriais técnicos.

Os cursos industriais básicos, em número de 15 e com duração de quatro anos, eram ofertados àqueles que tivessem o então curso primário, completo, (atual ensino fundamental de 1ª à 4ª série), nas seguintes modalidades: Alfaiataria; Aparelhos Elétricos e Telecomunicações; Carpintaria; Cerâmica; Corte e Costura; Chapéus, Flores e Ornatos; Fundição; Marcenaria; Máquinas e Instalações Elétricas; Mecânica de Máquinas; Mecânica de Precisão; Mecânica de Automóveis; Serralheria; Tipografia e Encadernação; e, ainda, Pintura. Já os cursos técnicos, destinados aos portadores de certificado do antigo ginásial ou dos cursos industriais básicos, tinham duração de três anos e eram em número de sete, abrangendo as modalidades: Construção de Máquinas e Motores; Eletrotécnica; Edificações; Decoração de Interiores; Desenho Técnico e Eletrotécnico; Desenho Técnico de Arquitetura e Móveis; e, ainda, Construção de Aeronáutica. (CEFET, 2008)

O modelo econômico proposto ao país determinava as políticas adotadas à educação. Durante o período de 1945 a 1964, prevaleceram duas propostas de modelo de desenvolvimento econômico, bastante antagônicas na maioria dos pontos, entre eles a sua fundamentação, pois, para Vargas (1951-1954) o desenvolvimento perpassava pelo nacionalismo, culminado com o lema “O Petróleo é Nosso” e criação da Petrobrás. Já entre 1956-1961 no governo de Juscelino Kubischek baseava-se no crescimento econômico associado ao capital estrangeiro e seu lema era “50 anos em 5”.

Outras propostas implantadas por Vargas influenciaram bastante no ensino profissionalizante, como a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários (Senai) em 22 de janeiro de 1942 para a qualificação do profissional industrial, e em 10 de janeiro de 1946 foi criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) com o objetivo de oferecer cursos profissionalizantes para os empregados de empresas comerciais.

1.3.1 O Curso profissionalizante comercial

O Curso Técnico de Contabilidade era integrado às Ciências Econômicas e os Cursos Profissionalizantes Comerciais foram instituídos pelo Decreto n°. 17329 de 23.08.1923 e eram oferecidos da seguinte forma: um com formação geral de quatro anos e outro, superior, de três anos. De acordo com Peleias (*et al* 2007) “o curso geral conferia o diploma de Contador e o superior o título de graduado em Ciências Econômicas. Par ingresso no cursos Geral, a idade mínima era de treze anos e, no curso superior, dezessete anos.”

Em 1931 o Decreto n°. 20158 regulamenta a profissão de Contador e reorganiza o ensino comercial, dividindo-o nos níveis propedêutico, técnico e superior (Quadro 01). Para o ingresso no propedêutico era exigida a idade mínima de doze anos e a realização de exames admissionais.

Quadro 01: Reforma do Ensino Comercial de Nível Médio

Primeiro ciclo	Elementar (2 anos): Auxiliar de comércio
	Propedêutico (3 anos): Preparação para o 2º ciclo e habilitação de professores do 1º ciclo
Segundo ciclo	Técnico: Secretário (1 ano); guarda-livros (2 anos); administrador-vendedor (2 anos)
	Técnico-propedêutico (3 anos): Atuário; perito contador

Fonte: Otaiza Romanelli (apud VEIGA, 2007)

Em 22 de setembro de 1945 é instituído o curso superior de Ciências Contábeis e Atuariais, através do Decreto-lei n°. 7988, com duração de quatro anos. Observa-se nesse período uma intensa busca pelo desenvolvimento das forças produtivas. Assim sendo, vê-se a importância de uma maior profissionalização do profissional contábil.

1.4 O Ensino Superior Geral: Papel da Universidade

As grandes transformações econômicas, sociais e políticas que o mundo enfrentou e enfrenta, principalmente no final do século XIX, todo o século XX e início deste, demanda, na grande maioria das profissões, uma adequação ou mesmo um repensar de suas funções. Na Contabilidade não é diferente. Antes o profissional da área de Comércio era conhecido como Guarda-livros, denominação esta que restringia seu papel e era vinculada somente ao controle fiscal das empresas, que com o advento da Revolução Industrial, principalmente, levou a uma

nova perspectiva para a profissão. O surgimento de novos campos de conhecimento dentro desta ciência forçou a uma preocupação e, conseqüentemente, uma reestruturação no ensino, restrito até início do século XX às escolas profissionalizantes.

No Brasil essa nova visão, a de melhor qualificação do ensino na Contabilidade se deu no final da metade do século XX com a criação de uma Faculdade, em São Paulo e somente na década de setenta do século passado é que surgiu o curso de mestrado *strictu sensu*.

Apesar de a primeira instituição especializada no ensino da contabilidade seja a Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP, criada em 1902, têm-se a Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas – FCEA, instalada nas dependências da Universidade de São Paulo como a pioneira no ensino superior nessa área através do Decreto-lei nº. 15601/46 após a criação do curso superior de Ciências Contábeis e Atuariais, por meio do Decreto-lei nº. 7988 de 22.09.1945. (PELEIAS *et al*, 2007). Somente em 13 de junho de 1949, através do Decreto Federal 26.775 que é reconhecido o curso Superior de Ciências Contábeis na FECAP (SILVA, s.d.).

A implantação do curso ocorre em um período de grandes transformações mundiais, com o fim da segunda guerra mundial e no Brasil com o nacionalismo de Getúlio Vargas e a busca pela industrialização mantida também pelo Presidente Juscelino Kubitschek.

O ensino da Contabilidade até meados da década de 50 era predominado pela doutrina italiana, através da Escola Patrimonialista, que teve como seu maior pesquisador Vincenzo Masi. Entretanto, com a vinda de grandes empresas americanas para o Brasil esta influência foi aos poucos sucumbindo à necessidade de uma padronização com as normas americanas. Com a edição da Lei 6.404/76 o país passa definitivamente a integrar os padrões internacionais, concretizando-se ainda os estudos promovidos pelos pesquisadores contábeis como Hilário Franco (SILVA, s.d.).

Atualmente há 1.049 instituições cursos habilitados no Ministério da Educação e Cultura (MEC), conforme site do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Em Sergipe são cadastradas 09 (nove) Instituições, conforme Quadro 01.

Quadro 02: Instituições de Ensino Superior em Contabilidade de Sergipe

Curso / Habilitação	Instituição	Cidade/UF
<u>Ciências Contábeis</u>	<u>Universidade Federal de Sergipe - UFS</u>	ITABAIANA-SE
<u>Ciências Contábeis</u>	<u>Faculdade Amadeus - FAMA</u>	ARACAJU-SE
<u>Ciências Contábeis</u>	<u>Faculdade José Augusto Vieira - FJAV</u>	LAGARTO-SE
<u>Ciências Contábeis</u>	<u>Instituto Sergipe de Ensino Superior - ISES</u>	ARACAJU-SE
<u>Ciências Contábeis</u>	<u>Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe - FANESE</u>	ARACAJU-SE
<u>Ciências Contábeis</u>	<u>Universidade Federal de Sergipe - UFS</u>	SAO CRISTOVAO-SE

Ciências Contábeis	Universidade Tiradentes - UNIT	ARACAJU-SE
Ciências Contábeis	Instituto Aracaju de Ensino e Cultura - IAEC	ARACAJU-SE
Ciências Contábeis	Universidade Tiradentes - UNIT	ESTANCIA-SE

Fonte: INEP-2008

Já em Tocantins estão cadastradas 11 (onze) e instituições que oferecem o curso de Contabilidade, em sua maioria localizada na capital, Palmas.

Quadro 03: Instituições de Ensino Superior em Contabilidade de Tocantins

Curso / Habilitação	Instituição	Cidade/UF
Ciências Contábeis	Centro Universitário Luterano de Palmas	PALMAS-TO
Ciências Contábeis	Centro Universitário Unirg	GURUPIT-TO
Ciências Contábeis	Faculdade Católica do Tocantins	PALMAS-TO
Ciências Contábeis	Faculdade de Ciências Contábeis de Araguaína	ARAGUAÍNA-TO
Ciências Contábeis	Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Paraíso	PARAÍSO-TO
Ciências Contábeis	Faculdade Integrada de Ensino Superior De Colinas	COLINAS-TO
Ciências Contábeis	Faculdade ITOP	PALMAS-TO
Ciências Contábeis	Faculdade Serra do Carmo	PALMAS-TO
Ciências Contábeis	Universidade Federal do Tocantins	PALMAS-TO
Ciências Contábeis	Instituto de Pesquisa Objetivo	PALMAS-TO
Ciências Contábeis	Instituto Palmas de Ensino Superior	PALMAS-TO

Fonte: INEP-2009

Esta mudança no cenário mundial e brasileiro além de exigir a criação de mais Instituições de Ensino Superior – IES, necessitou também a reformulação do ensino-aprendizagem, como aponta Fahl (p.31, s.d.):

As evoluções e tendências do cenário econômico mundial enfatizam a necessidade de mudanças na forma e conteúdo da educação e treinamento de contadores. No passado, o ensino estava concentrado em princípios, normas, conceitos e fatos contábeis. A partir dos anos 80, passou a existir maior preocupação com a preparação do profissional contábil, com ênfase na metodologia que permitia ao estudante aprender a aprender, de forma a estar sempre atualizado.

Já a pesquisa em Contabilidade tem seus primeiros programas *Stricto Sensu* nos anos de 1970 e como pioneiro destaca-se o Programa de Mestrado da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. O estudo realizado por Peleias (*et al* 2007) demonstra a progressão dos mestrados no país.

Na mesma década de 1970 foi criado o Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro., que em 1991 foi reestruturado e transferido para a Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Em 1978 foi implantado o Programa de Doutorado em Ciências Contábeis na FEA/USP, pioneiro e único com alunos em nosso país, que vem influenciando de maneira decisiva a pesquisa contábil brasileira, pois a maioria absoluta dos doutores em Ciências Contábeis brasileiros é egressa desse Programa. Ainda, em 1978, foi implantado o Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Contábeis da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, fortemente apoiado por professores da FEA/USP.

Na década de oitenta houve uma redução no número de programas de mestrado, retomando o crescimento na década de noventa e início deste século. Atualmente são oferecidos 16 (dezesseis) cursos em nível de mestrado e 03 (três) de doutorado, reconhecidos pela Capes, conforme Tabela 01. Algumas razões para esta implantação são apontadas por Peleias (*et al* 2007), sendo que as exigências da Lei n.º 9394/96 exigem 1/3 do corpo docente das instituições superiores em nível mínimo de mestrado. Outro é o aumento da oferta de cursos superiores de contabilidade aliado à necessidade de formação de profissionais voltados à pesquisa.

Tabela 01 – Cursos *strictu sensu* no Brasil

Conceito: 3					
GRANDE ÁREA: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS					
ÁREA: ADMINISTRAÇÃO					
PROGRAMA	IES	UF	CONCEITO		
			M	D	F
<u>ATUÁRIA</u>	PUC-RIO	RJ	3	-	-
<u>CIÊNCIAS CONTÁBEIS</u>	FUCAPE	ES	3	-	-
<u>CIÊNCIAS CONTÁBEIS</u>	UFMG	MG	3	-	-
<u>CIÊNCIAS CONTÁBEIS</u>	UFPE	PE	3	-	-
<u>CIÊNCIAS CONTÁBEIS</u>	UERJ	RJ	3	-	-
<u>CIÊNCIAS CONTÁBEIS</u>	UNIFECAP	SP	3	-	-
<u>CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ATUARIAIS</u>	PUC/SP	SP	3	-	-
<u>CONTABILIDADE</u>	UFBA	BA	3	-	-
<u>CONTABILIDADE</u>	UFPR	PR	3	-	-
<u>CONTABILIDADE</u>	UFSC	SC	3	-	-
<u>CONTABILIDADE E CONTROLADORIA</u>	UFAM	AM	-	-	3
<u>CONTROLADORIA</u>	UFC	CE	-	-	3
<u>CONTROLADORIA E CONTABILIDADE</u>	USP/RP	SP	3	-	-
Conceito: 4					
GRANDE ÁREA: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS					
ÁREA: ADMINISTRAÇÃO					
PROGRAMA	IES	UF	CONCEITO		
			M	D	F
<u>CIÊNCIAS CONTÁBEIS</u>	FUCAPE	ES	-	-	4
<u>CIÊNCIAS CONTÁBEIS</u>	UFRJ	RJ	4	-	-
<u>CIÊNCIAS CONTÁBEIS</u>	UNISINOS	RS	4	-	-
<u>CIÊNCIAS CONTÁBEIS</u>	FURB	SC	3	4	-
<u>CIÊNCIAS CONTÁBEIS</u>	UPM	SP	-	-	4
<u>CONTABILIDADE - UNB - UFPB - UFRN</u>	UNB	DF	4	4	-
Conceito: 5					
GRANDE ÁREA: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS					
ÁREA: ADMINISTRAÇÃO					
PROGRAMA	IES	UF	CONCEITO		
			M	D	F
<u>CONTROLADORIA E CONTABILIDADE</u>	USP	SP	5	5	-

Fonte: Capes - 2010

1.5 O Ensino Contábil em Sergipe

Assim como no resto do país, Sergipe sente a necessidade de formar pessoas habilitadas na área de comércio.

Assim, apesar do desenvolvimento econômico ocorrido em Sergipe, do que é uma demonstração a existência, em 1820, de 163 engenhos, e do crescimento da população que era, então, de 114.916 habitantes, dela apenas uma parcela mínima chegava à escola. [...] Havia muitos negociantes abastados que não sabiam ler, e difícil era achar jovens habilitados para caixeiros e guarda-livros. (NUNES, p. 34)

O ensino das Aulas de Comércio que tinha no Ateneu Sergipano como uma das escolas da época, foi substituído pelo ensino Superior em 1956, com a instituição do Curso de Ciências Contábeis, sob a diretriz da antiga “Faculdade de Ciências Econômicas de Sergipe”, instituição esta mantida pelo governo do Estado de Sergipe. A primeira turma a concluiu o curso em 1959, com um número bastante reduzido de formandos. Entretanto, em 1968 a Faculdade foi incorporada à recém criada Universidade Federal de Sergipe – UFS. Os Cursos de Contabilidade da UFS funcionam atualmente em São Cristóvão e Itabaiana.

Outra instituição de importância para o ensino da contabilidade foi o Colégio Tiradentes, que oferecia em 1962 o curso Profissionalizante em Contabilidade. Em 11 de julho de 1972 foi autorizado o funcionamento do Curso de Ciências Contábeis pela Faculdade Tiradentes, atual Universidade Tiradentes – UNIT, através do Decreto MEC nº. 70.818 e reconhecido três anos mais tarde, em 17/12/1975.

Atualmente em Sergipe conta com nove cursos registrados no MEC, conforme demonstra o Quadro 02.

1.6 O Ensino Contábil em Tocantins

O Estado do Tocantins por ser jovem, tendo sua criação em 1988 com a promulgação da atual Constituição Federal, tem seu ensino superior em Contabilidade ainda em construção. Antes da separação dos estados de Goiás e Tocantins, já existiam algumas faculdades, como a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Gurupi – FAFICH, atual Centro Universitário Unirg de Gurupi. Com a criação da capital Palmas, houve um avanço considerável no ensino superior, instalando-se aí Instituições de renome nacional, como Instituto Luterano – ULBRA e Universidade Católica. Outro marco fundamental foi a instalação do Conselho Regional de Contabilidade, agregando-se os profissionais de forma

regulamentar e, aliado à demanda das empresas existentes e as que vieram se instalar no Estado, exigiu-se a formação acadêmica que atendesse a essa nova perspectiva de mercado.

Atualmente o Estado conta com 11 (onze) instituições de nível superior em Contabilidade, muitas das quais estão concentradas na capital Palmas, como apresentado no Quadro 03.

II A FORMAÇÃO DOCENTE

2.1 A Formação do Professor de Contabilidade

A preparação do professor universitário era até pouco tempo tratada de forma secundária, pois conforme Gil (2008, p. 19):

Durante muito tempo, não se manifestou em nosso país preocupação com a formação do professor para atuar no Ensino Superior. As crenças amplamente difundidas de que “quem sabe ensinar” e “o bom professor nasce feito” contribuíram para que a seleção de professores para os cursos superiores fosse determinada principalmente pela competência no exercício da profissão correspondente. Assim ocorreu com os cursos de Direito, Medicina e Engenharia instalados ao longo do século XIX e início do século XX.

Colocando sob o foco a formação do professor universitário na área contábil essa realidade ainda figura em muitos lugares no país onde se busca o profissional atuante no mercado e o coloca em uma cadeira docente e que, na maioria dos casos, não há uma preparação adequada para o exercício do magistério. Há a tendência de que aquele “excelente” profissional de mercado, que atua em uma das várias áreas contábeis, como por exemplo, em Auditoria, Perícia, Tributarista, Controller, consigam também ter o mesmo êxito como professores em sala de aula.

Outro fator influencia esta situação: como não têm a carreira docente como foco principal, estes não buscam dar sequência em sua formação, não almejando os cursos *strictu sensu* que poderiam prepará-los melhor na área de ensino, pesquisa e extensão.

A Tabela 02 apresenta a formação dos professores nas Instituições de Ensino Superior – IES, do Brasil.

Tabela 02: Grau de Formação

Região	Total	Sem Graduação	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado
Norte	20.554	5	2.051	8.773	6.832	2.893
Nordeste	65.127	29	8.089	21.948	22.232	12.829
Sudeste	158.874	23	17.713	42.291	55.234	43.613
Sul	64.645	27	5.045	16.706	26.801	16.066
Centro-Oeste	29.690	13	3.114	10.701	10.449	5.413
Distrito Federal	8.871	3	871	2.613	3.344	2.040
Total	338.890	97	36.012	100.419	121.548	80.814

Fonte: INEP, Censo Educação Superior, 2008

Ainda há várias IES que têm em seu quadro, docentes com somente a graduação. Parte desses docentes encontra-se no curso de Ciências Contábeis. Houve sem dúvida alguma uma melhora significativa nos últimos dez anos, com a exigência, por parte das IES, de titulação mínima *latu sensu* para os professores. Entretanto somente essa formação não prepara o profissional para a área docente, é necessário que o mesmo aprofunde seus conhecimentos na área pedagógica.

Apesar de a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB exigir que um terço do corpo docente seja composto por mestres ou doutores não há uma prerrogativa legal para que se exerça a função de professor. Este é um dos problemas apontados por Nossa (1999):

Para ingressar na docência do ensino superior, o professor não tem muitas exigências legais no que se refere à titulação e à formação pedagógica. Nem a antiga Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB nem a atual mencionam qualquer exigência sobre a formação didático-pedagógica como pré-requisito para o exercício do magistério superior. E ainda, quanto à titulação, basta que o professor tenha curso de graduação na área para concorrer à vaga docente. Resta a cada instituição determinar o seu nível de exigência que a atual LDB faz [...]

Uma dificuldade no curso de Contabilidade apontado por Nossa (1999) é a tendência de atrair alunos pouco qualificados seja pela baixa concorrência, seja pelo curso ser de pouca tradição ou ainda, no caso das particulares, o valor das mensalidades serem menores. São levantadas aí duas problemáticas: uma, o docente tem que lidar com estes alunos sem nenhuma preparação pedagógica o que ocasionam conflitos devido ao mesmo não saber lidar com tais deficiências e solucioná-las; segunda, uma parte destes alunos serão posteriormente docentes em alguma instituição.

Para Strassburg (2003, p. 94), os professores de Contabilidade podem ser divididos em quatro tipos: professor de início de carreira, professor com razoável conhecimento da matéria em âmbito nacional, professor profissional e professor transformador social.

Professores em começo de carreira. São aqueles que não têm uma experiência anterior com o magistério e, sim, na maioria das vezes, no dia-a-dia das empresas. No caso da Contabilidade, geralmente possuem a graduação ou, no máximo, especialização.

Professores com razoável conhecimento da matéria em âmbito nacional. São aqueles que utilizam como base somente a bibliografia nacional e possuem um bom conhecimento na área de atuação. No caso da Contabilidade, estão à busca de qualificação em nível de mestrado e doutorado, mas muito tempo irá passar até que se consiga cumprir o que a LDB enfatiza neste sentido.

Professor profissional. É aquele professor que direciona o ensino para a formação profissional, estritamente para o mercado de trabalho. No caso da Contabilidade, a ênfase é dada ao tecnicismo.

Professor transformador social. É aquele professor que geralmente se dedica, exclusivamente, à universidade ou faculdade e procura aplicar suas idéias,

influenciando, assim, politicamente os seus alunos e colegas a utilizar o senso crítico. No caso da Contabilidade, atua na graduação e procura desenvolver artigos e trabalhos científicos, enfatizando suas idéias e buscando a transformação social. (STRASSBURG, 2003, p. 92-93)

Como podemos observar na Tabela 01, na página 27, a existência de poucos cursos de aperfeiçoamento *strictu sensu* cria uma tendência em haver uma maior quantidade de professores que se enquadram como professor de início de carreira e professor profissional, o que acaba prejudicando o aprendizado.

Para Celerino e Pereira (2008, p. 67) atualmente há uma maior preocupação com o aumento da qualidade de ensino e “deve continuar sendo alvo de muitas discussões e estudo nesta década” e “o professor ocupa posição-chave no processo educacional e sobre ele pesa grande responsabilidade na qualidade do ensino.”

Vasconcelos (*apud* PELEIAS *et al* 2006, p. 69) aponta quatro características pertinentes ao professor de contabilidade, conforme Figura 04.

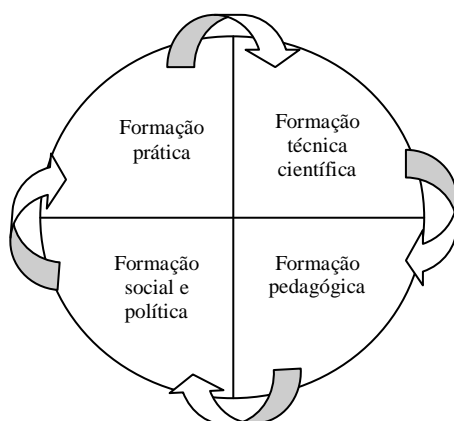


Figura 04: Formação técnica e acadêmica do professor de Contabilidade
Fonte: Peleias (et al 2006, p. 70)

Na formação prática, o autor destaca a vivência profissional nas organizações, e a atuação como docente e pesquisador. Este deve trazer para dentro da sala de aula estas experiências, buscando interagir com os alunos sobre seu dia-a-dia nas organizações.

A formação técnico-científica refere-se ao conhecimento técnico das disciplinas, necessário para a transmissão dos conteúdos aos alunos.

O professor precisa transmitir os conteúdos aos alunos e oferecer uma visão realista das empresas no atual cenário de negócios, no qual novas técnicas surgem a todo instante. Ele tem de estar atualizado sobre o desenvolvimento de suas disciplinas, para auxiliar os alunos a obterem excelente preparo técnico e se tornarem profissionais que excedam as necessidades do mercado. (PELEIAS, et al, 2006, p. 73)

Quanto à formação pedagógica entende-se que esta seja mais ampla, envolvendo muitas variáveis como o professor, a IES no âmbito dos diretores, coordenadores e os demais

professores. Deve abranger um projeto político pedagógico que esteja atualizado com a realidade de mercado e dos alunos, as disciplinas devem estar interligadas aos objetivos do curso e da instituição e não menos importante, a utilização por parte dos professores de diversas estratégias de ensino melhorando a aprendizagem em sala de aula.

A formação social e política urge de forma imperativa na prática docente. Para Peleias (*et al* 2006, p. 79),

O professor do ensino superior de Contabilidade deve ter consigo que sua postura e suas atitudes em sala de aula podem influenciar o comportamento dos alunos. Ele precisa transmitir conteúdos, estimular e orientar, mas sem exercer influência sobre as crenças e os valores dos estudantes. O aluno do curso superior de Ciências Contábeis precisa saber que o curso oferece muito mais do que simplesmente debitar e creditar, e que a Contabilidade pode trazer relevante contribuição para os negócios e para a sociedade como um todo.

Tais formações para o autor são essenciais para o bom desempenho dentro da sala de aula. Entenda-se aqui que sala de aula não é somente o local restrito às quatro paredes, mas o lugar de aprendizado, devendo o educador buscar os melhores meios para a transmissão do conhecimento, não devendo este se ater aos muros da Faculdade. Buscar transcender o ensino tradicional seja com pesquisa de campo, visitas técnicas, práticas extensionistas são formas de chamar a atenção dos discentes.

Peleias (*et al* 2006, p. 80) aponta os principais elementos da formação do professor:

Quadro 04: Formação técnica e acadêmica do professor – característica e principais elementos

Principais Elementos	Características de Formação			
	Prática	Técnica Científica	Pedagógica	Social Política
	Experiência no Mercado	Conhecer a Técnica	Didática Adequada	Indivíduo
	Pesquisas Publicadas	Saber Ensinar	Objetivos da Instituição	Cidadão
Domínio Prático	Atender Necessidades do Mercado	Objetivos das Disciplinas	Visão Globalizada	

Fonte: Peleias (*et al*, 2006, p. 80)

2.2 Habilidades e Competências Exigidas ao Professor de Contabilidade

Ao estudarmos sobre o ensino da contabilidade, perpassa em nossas mentes as competências e habilidades a serem desenvolvidas através do ensino-aprendizagem e quais os atores estão presentes na construção desse saber. São dois os principais: o aluno e o professor. Como não poderia ser diferente há uma relação muito instável entre os mesmos, onde a linha

entre esses indivíduos é tênue e construída aos poucos no cotidiano da sala de aula. Tal relação é influenciada por variáveis que afetam direta e indiretamente na aprendizagem dos alunos e o professor está presente em grande parte dos momentos. Chamamos a isso de relação professor-aluno. Nesta relação está inserida a formação do professor, tanto técnica quanto pedagógica, a relação de afetividade e psicológica entre outros fatores.

Para Peleias (*et al*, 2006, p. 82) competência se confunde com conhecimento, “pois o professor que não conhecer com profundidade as disciplinas sob sua responsabilidade certamente não terá competência para ministrá-las da melhor forma possível”.

Para Perrenoud (2000, p.15) competência é uma “capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situações”.

O autor trabalha ainda com dez domínios de competências para formação continua das professoras e dos professores do ensino fundamental, que podem ser adaptadas para o ensino superior:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem
2. Administrar a progressão das aprendizagens
3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação
4. Envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho
5. Trabalhar em equipe
6. Participar da administração da escola
7. Informar e envolver os pais
8. Utilizar novas tecnologias
9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão
10. Administrar sua própria formação contínua. (PERRENOUD, 2000. p. 20)

O item seis pode ser adaptado para a participação em colegiado e nas decisões da IES, com o mesmo objetivo, que é buscar melhores condições para o ensino-aprendizagem nas suas diversas variáveis. Quanto ao item sete, podemos substituir os pais por agentes que influenciam no cotidiano das Instituições e do aluno, como órgãos representativos da sociedade, da profissão e do estado por exemplo. Estas competências devem então, levar o indivíduo a buscar conhecimentos para o exercício das atividades profissionais e, acima de tudo, da conscientização como ser humano.

A competência diferencia-se das habilidades por seu aspecto mais amplo e no entendimento de alguns autores, por ser a reunião de várias habilidades com o talento.

Observando o agrupamento proposto por Perrenoud (2000) podemos perceber a dificuldade que o professor de Contabilidade enfrenta no exercício da profissão, justamente pela defasagem em sua formação. São competências que requerem conhecimentos em

didática, psicologia, sociologia, filosofia e pedagogia com o foco específico no ensino e que não é comumente oferecido na graduação e nas especializações da área contábil.

Neste mesmo caminho, Di Giorgio, Pizolato e Morretin (2001) apresentam as principais competências para o professor.

Quadro 05: Competência Global do Professor

Nível Global	Áreas principais	Subáreas
Competência Global do professor	Base de conhecimento específico	1. Recursos curriculares 2. Recursos pedagógicos 3. Experiência profissional
	Planejamento e preparação	4. Conhecimentos claros a respeito dos alunos, contexto e recursos 5. Média adequada de atividades e recursos para os alunos
	Ensino interativo	6. Assistência inteligente e eficiente ao aprendizado do aluno, à organização e à pesquisa 7. Avaliação e monitoramento efetivo do aprendizado e progresso do aprendizado do aluno 8. Adequado relacionamento para influenciar alunos, seu comportamento, motivação e bem-estar 9. Avaliação e monitoramento efetivos do comportamento, motivação e bem estar do aluno
	Modelo profissional abrangente	10. Cumprir a tarefa de construir um modelo profissional abrangente, por meio de colaboração efetiva e outros meios
	Auto desenvolvimento profissional	11. Desenvolvimento de conhecimento básico específico da matéria, pedagogia e profissional 12. Melhoria da capacidade profissional, por meio do estudo, reflexão e mudança

Fonte: Di Giorgio, Pizolato e Morretin (2001)

Já habilidade “é a capacidade de executar alguma atividade, é o modo de empreender uma ação de forma mais rápida, fácil e eficiente” (PELEIAS *et al*, 2006, p. 84). Estas são desenvolvidas por meio de treinamentos, exercícios, técnicas e variam muito de indivíduo para indivíduo. Mas não é restrita somente à capacidade humana tendo em vista que robôs têm habilidades para substituir o ser humano em atividades de trabalho e do dia-a-dia.

Especificamente para o professor, este necessita desenvolver ou mesmo adquirir habilidades de ensino, procurando repassar ao aluno o conteúdo da matéria, de forma simples, preservando a individualidade do mesmo.

Percebemos ao longo dos anos professores que vão adquirindo estas habilidades, entretanto com grande perda do ensino, pois aprende com os próprios erros e estes erros acabam frustrando o corpo discente. Normalmente são docentes que ingressaram muito cedo na atividade de magistério ou mesmo profissionais que não tinham preparo algum e esta capacitação não foi oferecida pela IES. Nossa (1999) enfatiza que as IES devem dar

oportunidades e condições para capacitação e atualização dos docentes e estes devem ter o compromisso de conscientização da necessidade buscar novos conhecimentos, novas técnicas de ensino, de realmente se comprometerem com a educação.

O professor deve possuir as habilidades técnicas de ensino como também habilidades pessoais, pois é necessário manter um bom relacionamento com os estudantes. Posso citar algumas habilidades como empatia, entusiasmo, confiança, paciência, senso de humor, carisma entre várias outras.

A própria legislação pertinente ao curso de Contábeis aponta a necessidade de competências e habilidades básicas para a formação do acadêmico. Na Resolução CNE/CES 10/2004 são apresentados tais requisitos:

Art. 4º O curso de graduação em Ciências Contábeis deve possibilitar formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades:

I - utilizar adequadamente a terminologia e a linguagem das Ciências Contábeis e Atuariais;

II - demonstrar visão sistêmica e interdisciplinar da atividade contábil;

III - elaborar pareceres e relatórios que contribuam para o desempenho eficiente e eficaz de seus usuários, quaisquer que sejam os modelos organizacionais;

IV - aplicar adequadamente a legislação inerente às funções contábeis;

V - desenvolver, com motivação e através de permanente articulação, a liderança entre equipes multidisciplinares para a captação de insumos necessários aos controles técnicos, à geração e disseminação de informações contábeis, com reconhecido nível de precisão;

VI - exercer suas responsabilidades com o expressivo domínio das funções contábeis, incluindo noções de atividades atuariais e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais e governamentais, que viabilizem aos agentes econômicos e aos administradores de qualquer segmento produtivo ou institucional o pleno cumprimento de seus encargos quanto ao gerenciamento, aos controles e à prestação de contas de sua gestão perante a sociedade, gerando também informações para a tomada de decisão, organização de atitudes e construção de valores orientados para a cidadania;

VII - desenvolver, analisar e implantar sistemas de informação contábil e de controle gerencial, revelando capacidade crítico analítica para avaliar as implicações organizacionais com a tecnologia da informação;

VIII - exercer com ética e proficiência as atribuições e prerrogativas que lhe são prescritas através da legislação específica, revelando domínios adequados aos diferentes modelos organizacionais. (MEC, 2004)

Se é exigido que o graduado tenha essa formação mínima, é suposto que o professor deste profissional tenha no mínimo as mesmas competências e habilidades, vale então o compromisso das IES e dos próprios docentes em aperfeiçoá-las ou adquiri-las.

2.3 Ensino e Aprendizagem no Curso de Ciências Contábeis

É sabido que apenas o domínio do conteúdo não é o suficiente para que ocorra o aprendizado. O exercício do magistério requer, além da segurança no conteúdo específico, domínio do instrumental didático-pedagógico. Para Santos (2001, p.69), “na prática, o que se

observa é a existência de uma lacuna no desempenho do docente do ensino superior: o professor se caracteriza como um especialista no seu campo de conhecimento (este é, inclusive, o critério para sua seleção e contratação), porém não necessariamente domina a área educacional e pedagógica”.

No curso de contabilidade, por suas particularidades, essa dinâmica é muito evidente, onde os professores, em sua maioria, não possuem preparação na área pedagógica para ingressarem como docentes. O próprio currículo do curso não abrange a possibilidade de o futuro profissional contador vir a ser um professor. Seu foco principal é a preparação para as empresas, tanto públicas quanto privadas, ou seja, a busca pela maximização do capital é um, se não o ponto fundamental da técnica contábil.

Há ainda a visão técnica da profissão, onde a influência da formação pessoal do professor é determinante dentro do contexto epistemológico para a construção da própria formação do aluno.

Para o bom desempenho do aluno em sala de aula é fundamental que se tenha uma relação de ensino-aprendizagem construída sobre bases sólidas.

Passmore (1980) faz uma reflexão sobre o que seria o ensino e o ensinar. Para ele ensinar é promover a aprendizagem. Entretanto há uma dicotomia, pois, pode haver a promoção da aprendizagem sem muitas vezes consegui-la. Um professor pode dizer que a turma aprendeu o que foi ensinado, e algumas vezes não. O aluno poderá também dizer que não aprendeu nada com o professor, o que nos releva ao pensamento da tentativa de promover a aprendizagem.

Vimos que o ensinar parte do pressuposto de aprender, e que este modifica o ser através da aquisição de novos conhecimentos, alterando a si e o mundo que o cerca. Para que haja uma efetiva aprendizagem é necessário que se observe alguns pormenores: o professor, o aluno, o conteúdo e a estrutura disponibilizada (tanto física quanto humana).

Mas o foco que se dá ao ato de ensinar ou ao de aprender é que realmente define a atuação do professor. O professor que foca no ensino somente, tende a ser como Gil (2008, p. 6) retrata, “reproduz os processos pelos quais passaram ao longo de sua formação, centraliza-se em sua própria pessoa, em suas qualidades e habilidades. Assim, acabam por demonstrar que fazem uma inequívoca opção pelo ensino”.

Este se torna um mero reprodutor do conhecimento, trabalhando de forma expositiva, percebendo-se como especialista de determinada área do conhecimento. Neste contexto ele é o agente do processo educativo e o aluno o sujeito passivo. Tal processo é caracterizado por Paulo Freire (*apud Gil*, 2008, p. 7-8) como educação Bancária, pois:

- a) O educador é o que educa;
Os educandos, os que são educados;
- b) O educador é o que sabe;
Os educandos, os que não sabem;
- c) O educador é o que pensa;
Os educandos, os pensados;
- d) O educador é o que diz a palavra;
Os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) O educador é o que disciplina;
Os educandos, os disciplinados;
- f) O educador é o que opta e prescreve sua opção;
Os educandos, os que seguem a prescrição;
- g) O educador é o que atua;
Os educandos, os que têm a ilusão e que atuam na atuação do educador
- h) O educador escolhe o conteúdo programático;
Os educandos jamais são ouvidos nesta escolha, acomodam-se a ele;
- i) O educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que se opõe, antagonicamente, à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) O educador, finalmente, é o sujeito do processo;
Os educandos, meros objetos.

Por outro lado quando se dá ênfase na aprendizagem, coloca-se o aluno como foco do processo e o professor passa a ser um facilitador, ajudando o aluno a “aprender a aprender”. Para Gil (2008, p. 6), estes professores,

Preocupam-se em identificar suas aptidões, necessidades e interesses com vistas a auxiliá-los na coleta das informações de que necessitam no desenvolvimento de novas habilidades, na modificação de atitudes e comportamentos e na busca de novos significados nas pessoas, nas coisas e nos fatos. Suas atividades são centradas na figura do aluno, em suas aptidões, capacidades, expectativas, interesses, possibilidades, oportunidades e condições para aprender.

Um cuidado especial se deve ter quando se relaciona ensino e aprendizagem. Há os professores que enfatizam o ensino, deixando de lado o aprendizado e outra parte imagina estar trabalhando a aprendizagem e, no entanto estão se eximindo da obrigação de ensinar. Não deve existir ensino sem aprendizagem e vice-versa. No curso de Contabilidade o ensino da técnica é fundamental, por isso é defendido que não há como ser um bom professor sem ter uma bagagem profissional de mercado e a capacitação pedagógica.

Para que se consiga este processo de ensino-aprendizagem a participação da IES e de ações do corpo docente em consonância com o projeto político pedagógico do curso é primordial, além é claro, dos alunos.

No dia-a-dia da prática docente a questão pedagógica é conflitante, em especial no Curso de Contabilidade. A falta de uma formação pedagógica é bem percebida pelos alunos. Em pesquisa feita por Dias (2009, p. 128) foi verificado que 27,93% dos alunos entrevistados esperam do professor uma boa didática, com uma forma simples e eficiente para explicar o

conteúdo. Para Marion (1999), o método utilizado pelo docente no processo ensino-aprendizagem é de fundamental importância para o bom andamento do aluno. Para que o método tenha validade é necessário que se conheça o seu público, ou seja, o aluno. Parte-se do pressuposto que o aluno deve fazer mais do que escutar a explanação, é necessário que se assimile o que foi repassado. Guillan e Mirshaw (*apud* MARION, 1999) destaca que há três formas de se entender a informação: Visual, Auditiva e Cinestética (através do movimento, toque, do fazer).

Nesta relação de convivência em sala, criam-se expectativas entre professor e aluno, verificado também por Cunha (1989, p.65), “não há dúvida de que existe entre o aluno e o professor um jogo de expectativas relacionadas aos respectivos desempenhos”. Essas ansiedades refletem-se diretamente na formação do aluno. Saber se esta formação está de acordo com as novas expectativas do ensino é de primordial importância para uma reflexão sobre o papel do professor, da universidade e da sociedade.

Ao adentrarmos nesse papel da formação do aluno universitário, impreterivelmente remetemo-nos novamente à aprendizagem onde deve haver a aquisição de um conjunto de conhecimentos, técnicas e métodos de forma crítica por parte do aluno. A inserção da pesquisa e da extensão tão debatida nos meios acadêmicos mostra-se a forma mais eficaz de levar o sujeito da aprendizagem (o aluno) a uma reflexão crítica. O aprender a aprender se sobrepõe ao ensino de “gaveta”, aquele que simplesmente foi guardado e repassado, sem agregar algo novo, sem refletir, questionar. A sociedade e o mercado estão exigindo essa nova (não tão nova, pois já é tema de discussão há alguns anos) postura do futuro profissional. Fazer o aluno se tornar parte do processo de aprendizagem, levar em conta a real situação do alunado, conhecer suas aspirações, identificar os conhecimentos e carências que possui torná-lo parte da aprendizagem e evidenciar isso ao mesmo é talvez a forma mais profícua para a realização do ensino.

Um fator que afeta diretamente a formação do profissional contábil é a pouca procura por cursos de especialização de nível *stricto sensu*. Embora a Lei das Diretrizes e Bases da Educação LDB instituída em 1996, no seu artigo 52, estabeleça que as instituições de ensino superior deverão contar com “um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação de mestrado ou doutorado”, percebe-se que não surtiu tanto efeito dentro do curso de contábeis. A dificuldade de se encontrar mestres com formação na área ou em áreas afins mostra o pouco interesse dos docentes contadores, aos quais deveriam estar buscando o aperfeiçoamento na pesquisa e na parte didática/pedagógica, aos quais em grande parte dos

cursos de graduação, para não dizer todos, não proporcionam este espaço em suas grades curriculares.

“A falta de treinamento para os docentes dos cursos de Ciências Contábeis também é constatada pela Organização das Nações Unidas – ONU como uma das maiores deficiências na educação contábil no Brasil” pesquisa realizada em 1994 (*apud* NOSSA, 1999, p.7).

III PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é caracterizado como exploratório, pois este é utilizado “quando não se tem informação sobre determinado tema e se deseja conhecer o fenômeno” (RICHARDSON *et al*, 1999, p. 66) e descritivo, ao qual utiliza do método qualitativo, entretanto utilizando também dados quantitativos considerados indispensáveis para uma melhor compreensão do objeto de estudo.

Foram estudadas inicialmente três Instituições de Ensino Superior – IES, sendo uma em Tocantins e duas em Sergipe. Em Tocantins focou-se os estudos no Centro Universitário de Gurupi – UNIRG, em Sergipe na Universidade Tiradentes - UNIT e na Universidade Federal de Sergipe – UFS. Entretanto, após serem analisadas as variáveis das três instituições, optei por pesquisar somente a UNIRG e UNIT, devido primeiramente, a estas possuírem os mesmos parâmetros, sejam eles: as duas possuem números de alunos parecidos no curso de Contábeis, em torno de 420; a estrutura curricular é composta de oito semestres; a formação dos professores são similares; a estrutura física oferecida para curso são iguais. Além disso o acesso às informações foram facilitadas devido a ter trabalhado nestas instituições. Na UNIRG como professor e Coordenador e na UNIT como professor, cargo a qual exerço atualmente. A UFS distingui-se destes parâmetros, principalmente no que tange à grade curricular e a formação do quadro docente.

3.1 Caracterização da Pesquisa, Universo, Amostra e Seleção de Sujeitos

O objeto de estudo foram os professores do curso de Ciências Contábeis, especificamente aqueles com formação em Contabilidade tendo em vista que a grade curricular deste curso comporta profissionais com formação em outras áreas, como Direito, Administração, Economia por exemplo.

A fundamentação teórica, para Caldas (apud BOAVENTURA, 2007, p. 46) é “um processo analítico/sintético de pesquisa das informações contidas nas fontes bibliográficas, visando produzir idéias novas, seja para solucionar um problema ou levantar novas fontes de pesquisa” e ainda “deve evidenciar o conhecimento de literatura existente sobre o assunto e a capacidade de sistematização do candidato” (NBR 14.724/2002). Para isso utilizei como fonte de pesquisa autores como Peleias, Gil, Strassburg entre vários outros, contudo poucos da área contábil, pois há carência de bibliografia voltada à área de ensino.

Foi selecionado todo o universo de professores contadores que atuam como docente em sala de aula, ou seja, dezesseis professores, oito de cada instituição, para a pesquisa através dos questionários. Os questionários foram encaminhados pessoalmente aos docentes, impressos e somente sete professores de cada curso retornaram os mesmos respondidos e serão estes os analisados dentro desta pesquisa. Destes, quatro foram selecionados, dois de cada instituição, para a entrevista. Esta escolha teve dois parâmetros, um foi o professor com maior titulação ou que tinha maior quantidade de cursos de atualização e outro com maior tempo de docência na instituição. Quanto à titulação a UNIRG apresentou em seu quadro um professor mestre e seis especialistas, enquanto que na UNIT foram sete professores com titulação de especialistas. A UNIT possui uma professora contadora com título de mestre, entretanto a mesma só está exercendo o cargo de coordenadora de curso não estando em sala de aula, motivo este que a excluiu do universo estudado.

Quanto ao tempo de docência – Tabela 03, a UNIT apresenta um quadro de docentes contadores com tempo maior de magistério em relação à UNIRG.

Tabela 03: Tempo de Docência Superior

Tempo em anos	UNIRG	UNIT
0 a 2	2	0
3 a 5	2	2
6 a 7	2	1
8 a 10	0	2
Acima de 10	1	2
Total	7	7

Fonte: pesquisa de campo

Dos professores que responderam ao questionário quatro eram do sexo feminino e três do masculino, em igualdade entre as instituições (Tabela 04).

Tabela 04: Sexo dos Pesquisados

Tempo em horas semanais	UNIRG	UNIT
Masculino	3	3
Feminino	4	4
Total	7	7

Fonte: pesquisa de campo

A média de idade dos docentes é similar e concentra-se a sua maioria na faixa acima dos trinta e seis anos.

Tabela 05: Idade dos Pesquisados

Idade	UNIRG	UNIT
21 a 25	0	0
26 a 30	1	0
31 a 35	1	2
36 a 40	2	2
Acima de 40	3	3
Total	7	7

Fonte: pesquisa de campo

Dos pesquisados, mais de 50% trabalham acima de 32h semanais nas instituições, ressaltando que a UNIT concentra um maior percentual com dedicação exclusiva à instituição.

Tabela 06: Tempo de dedicação à faculdade

Tempo em horas semanais	UNIRG	UNIT
Até 08h	0	0
12 a 16h	2	2
18 a 24h	2	1
26 a 30h	0	0
32 a 40h	2	0
40h com dedicação exclusiva	1	4
Total	7	7

Fonte: pesquisa de campo

Assim pelos critérios adotados, foram escolhidos pela maior titulação ou quantidade de cursos realizados o professor Victor de Oliveira da Unirg e a professora Ângela Dantas da UNIT. Pelo tempo de docência na instituição foram escolhidos os professores Gilberto Amorim da Unirg e o professor Anderson Rêgo da Unit. Estes disponibilizaram horários para a entrevista que tiveram em média 15 minutos.

3.2 Da Construção do Questionário e da Entrevista

Em primeiro momento foi escolhido como instrumento de coleta a aplicação do questionário de pesquisa (Apêndice I), tendo sido adaptado o modelo de escala Likert, ou seja, há um escalonamento de respostas passando-se do “concordo plenamente” como um extremo até ou outro extremo, seja ele “discordo plenamente” e com uma pontuação que varia de 0 a 4 podendo haver um máximo de 68 pontos e no mínimo 0. Foram excluídas da pontuação três questões devido às mesmas serem de cunho informacional sendo elas: 16, 17 e 19. As escalas de pontuação estão demonstradas no Apêndice 01. O questionário foi composto por vinte questões sendo estas divididas em três categorias:

Categoria 01 – Identificação do Entrevistado

Esta categoria buscou conhecer o indivíduo, ou seja, traçar o perfil docente com questionamentos que podem influenciar na prática pedagógica. Nesta foram feitas seis perguntas conforme Quadro 06.

Quadro 06: Identificação do Pesquisado

01. Qual o tempo de docência superior?
15. Instituição em que trabalha:
16. Sexo:
17. Idade:
18. A atividade de docência é minha principal fonte de renda:
19. Meu tempo de dedicação à Faculdade é:

Fonte: próprio autor

Categoria 02 – Formação e Capacitação

Nesta categoria busquei obter dados relativos à formação inicial, à formação continuada e o processo de atualização profissional. Enquadram-se nesta categoria seis perguntas, conforme Quadro 07.

Quadro 07: Formação e Capacitação

02. Qual a sua formação em pós-graduação?
03. A formação que tive me preparou de modo satisfatório para exercer as funções de docência a nível superior.
04. A Faculdade que trabalho sempre me proporciona cursos de atualização para o exercício da docência.
05. Estou no trabalho de docente por me identificar com a profissão e suas perspectivas.
08. Eu procuro me atualizar sobre a profissão contábil e o mercado e trabalho, bem como na área pedagógica.
12. Procuo leituras de autores da área de ensino como por exemplo Perrenoud, Vygotsky e Piaget como forma de melhorar minha atuação como professor

Fonte: próprio autor

Categoria 03 – Relação Ensino-Aprendizagem

Esta categoria visou perceber as atitudes do docente junto aos acadêmicos, as técnicas utilizadas pelo mesmo na transmissão do conhecimento, as formas de ensino, tentando vincular à sua formação.

Quadro 08: Relação Ensino-Aprendizagem

06. Eu busco promover a interação entre os alunos através de trabalhos e discussões.
07. Eu mantenho um relacionamento cordial com os alunos.
09. Busco sempre promover tarefas interessantes e desafiadoras para favorecer o aprendizado.
10. Preparo antecipadamente todas as minhas aulas, procurando sempre inserir tarefas interessantes e

desafiadoras
11. Busco responder aos questionamentos de forma clara e objetiva.
13. Tento em minhas aulas estimular o acadêmico a fazer pesquisa e/ou extensão.
14. Tento promover meios de avaliação que valorizam a reflexão mais do que a memorização.
15. Assinale até duas técnicas de ensino que mais utilizo no curso:

Fonte: próprio autor

Os questionários foram entregues pelo próprio pesquisador, entretanto a maioria dos entrevistados não respondeu junto ao mesmo, mas sim posteriormente e entregues em média após quarenta e oito horas.

Após análise e tabulação percebeu-se a necessidade de aprofundamento usando uma abordagem qualitativa, pois somente os dados obtidos não conseguiram satisfazer às indagações advindas da problemática levantada. Optou-se então por efetuar entrevista, pois:

Pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas “face a face”, em que uma delas formula questões e a outra responde. Seu objetivo básico é compreender o significado que os entrevistados atribuem a questões e situações, com base nas suposições e conjecturas do pesquisador. (RODRIGUES, 2005, p. 79)

Foi elaborado um roteiro com dez questões (apêndice II), qualificando esta entrevista como semi-estruturada onde, conforme Rodrigues (2005, p. 79), o “pesquisador busca obter informações, dados e opiniões mais relevantes por meio de conversação objetiva”. Esta entrevista foi aplicada aos professores Victor de Oliveira e Gilberto Gomes Amorim da UNIRG e Anderson Rêgo e Ângela Dantas da UNIT nos meses de janeiro e fevereiro, respectivamente, de 2010. O tempo das entrevistas variou entre cinco e vinte minutos sendo todas gravadas e transcritas (apêndice III e IV). Logo após foi feita a seleção dos dados e elaboração de esquema de análise, conforme destaca Richardson (1999, p. 98).

A entrevista foi dividida em duas categorias já utilizadas no questionário, sendo elas: Categoria 01 - Formação e Capacitação e Categoria 02 – Relação Ensino-Aprendizagem.

Quadro 09: Formação e Capacitação

01. Como foi o seu caminho para ser professor universitário?
02. O que na sua formação contribuiu para vida docente?
03. Você acha a formação pedagógica essencial para a docência universitária?
04. Que tipo de formação contínua você procura fazer?
06. Qual a sua percepção em relação aos docentes que não possuem qualquer formação na área pedagógica?
07. Você acha que o mestrado/doutorado pode contribuir na melhoria do professor em sala de aula?
08. Em sua opinião o que deveria ser mudado na formação do graduado em contabilidade para que este seja melhor preparado para o exercício da docência?

09. Qual a postura do professor em contabilidade exigida nos dias atuais?

Fonte: próprio autor

Quadro 10: Relação Ensino-Aprendizagem

05. Como é a sua relação com os alunos quanto a transmissão do conhecimento, do ensino?

10. Como é feito o seu planejamento em sala de aula?

Fonte: próprio autor

IV RESULTADOS

4.1 Análise e Interpretação dos Questionários

O questionário foi dividido em três categorias. A apresentação e interpretação dos resultados respeitarão estas divisões. O objetivo deste questionário não é avaliar o professor, mas identificar alguns padrões sobre a sua formação e seu comportamento em sala de aula.

A identificação do pesquisado já foi apresentada no item 3.1, mas destaco alguns pontos importantes. O tempo de docência superior, conforme Tabela 03, é maior na UNIT do que na UNIRG, o que contribui para uma melhor avaliação do curso tanto pelo MEC quanto pelos próprios discentes. Esta diferença pode ser atribuída provavelmente a dois principais fatores: primeiro, o tempo de existência do curso. O curso de Contabilidade da UNIT tem sua existência desde 1972 e o da UNIRG desde 1992, ou seja, uma diferença de 20 anos. O segundo fator a ser considerado é o porte da IES, onde a UNIT é uma Universidade que oferece cerca de 30 cursos de graduação, cursos *latu* e *strictu sensu*. A UNIRG oferece 14 cursos de graduação e cursos *latu sensu*. Ainda há a diferença de estrutura física e financeira. Tais fatores dão melhor estabilidade e atratividade ao docente, pois dos sete entrevistados na UNIT, quatro possui docência acima de oito anos, o que se inverte na UNIRG aonde há quatro professores com tempo até cinco anos. Isto pode interferir no dia-a-dia da sala de aula. Se aliarmos isso à baixa formação do quadro de professores, percebemos que não há um preparo efetivo para o magistério. Temos um mestre dentre os entrevistados, o professor Victor de Oliveira, cujo mestrado foi feito na USP/Ribeirão Preto na área de Controladoria. Os demais são todos especialistas e com pouco ou nenhum preparo na área pedagógica.

Como ponto positivo a UNIT possui quase que 60% dos pesquisados com dedicação integral à instituição, enquanto que a UNIRG possui cerca de 15%. Se estes docentes com dedicação integral tivessem maior formação a título de mestrado ou doutorado o curso estaria atendendo a LDB somente com seus professores contadores. Hoje pra que haja um terço do seu quadro docente com titulação de mestre ou doutor o curso tem que contar com outras áreas, tais como administração, ciências sociais e exatas.

Na categoria Formação e Capacitação foram feitas seis perguntas, que serão apresentadas a seguir.

Na questão 03 foi perguntado se a formação que o mesmo teve o preparou para a docência, enquadrando-se aí tanto a graduação como a pós-graduação. Dos pesquisados da UNIT, 57,14% disseram que se sentem plenamente preparados, obtendo a pontuação 4. Na

UNIRG, 85,71% tiveram a pontuação três, pois consideram não terem sido plenamente preparados somente com a formação que já se encontram. Levando-se em consideração que todos os entrevistados da UNIT são especialistas o índice foi elevado, pois conforme Celerino e Pereira (2008, p. 66),

o primeiro contato dos futuros docentes desta área com a didática de ensino só ocorre, em geral, na pós-graduação, nas disciplinas pedagógicas. A superficialidade e o curto período dos cursos não possibilitam a assimilação das metodologias e nem do processo de ensino-aprendizagem. Como não possuem formação pedagógica, ministram suas aulas dentro do mesmo paradigma dos seus professores, ou seja, quase sempre continuam transmitindo o conhecimento acumulado nos livros-textos

Provavelmente este alto índice se deva às especializações dos entrevistados serem especificamente dentro da área técnica contábil, ou seja, formação em Auditoria e Perícia, Controladoria e Gestão Pública. Nenhum dos entrevistados teve formação após a graduação na área de ensino. Somente o professor Gilberto Amorim tem formação na área de ensino, sendo graduado em Pedagogia.

Não é abarcada em nenhuma grade curricular dos cursos de Ciências Contábeis do país uma disciplina que propicie o preparo mínimo para a profissão docente ao futuro contador, pois como já foi discutido anteriormente a docência está como prerrogativa do exercício da profissão dentro das normas do MEC e do Conselho Federal de Contabilidade (CFC). A própria Resolução CNE/CES 10/2004, que trata do perfil e currículo mínimos não aborda tal possibilidade:

Art. 5º Os cursos de graduação em Ciências Contábeis, bacharelado, deverão contemplar, em seus projetos pedagógicos e em sua organização curricular, conteúdos que revelem conhecimento do cenário econômico e financeiro, nacional e internacional, de forma a proporcionar a harmonização das normas e padrões internacionais de contabilidade, em conformidade com a formação exigida pela Organização Mundial do Comércio e pelas peculiaridades das organizações governamentais, observado o perfil definido para o formando e que atendam aos seguintes campos interligados de formação:

I - conteúdos de Formação Básica: estudos relacionados com outras áreas do conhecimento, sobretudo Administração, Economia, Direito, Métodos Quantitativos, Matemática e Estatística;

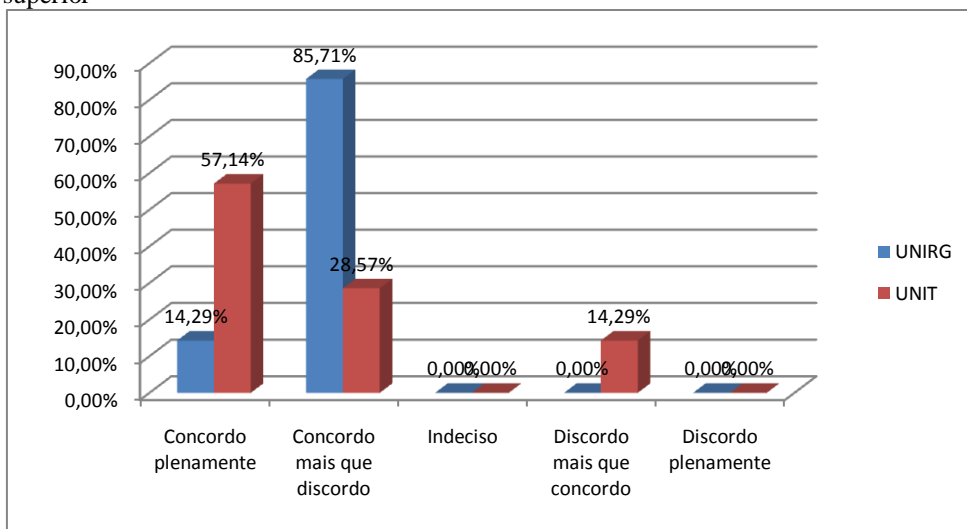
II - conteúdos de Formação Profissional: estudos específicos atinentes às Teorias da Contabilidade, incluindo as noções das atividades atuariais e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais, governamentais e não-governamentais, de auditorias, perícias, arbitragens e controladoria, com suas aplicações peculiares ao setor público e privado;

III - conteúdos de Formação Teórico-Prática: Estágio Curricular Supervisionado, Atividades Complementares, Estudos Independentes, Conteúdos Optativos, Prática em Laboratório de Informática utilizando softwares atualizados para Contabilidade.

Observamos que no item I do referido artigo, trata-se de áreas abrangentes, auxiliares à contabilidade, principalmente no que tange a cálculos. O item II o estudo de áreas bem específicas, técnicas, essencial sem dúvida para o exercício da profissão, voltadas ao

mercado de trabalho. Finalizando, o item III busca fazer uma ampliação dos estudos com base numa diversificação, com atividades complementares, estudos independentes, porém não se distanciando da prática contábil. Como vimos, não há em momento alguma referência sobre a atuação do profissional na área docente. Talvez porque para muitos o conhecimento técnico seja suficiente para o exercício da docência superior.

Gráfico 01: A formação que tive me preparou de modo satisfatório para exercer as funções de docência a nível superior

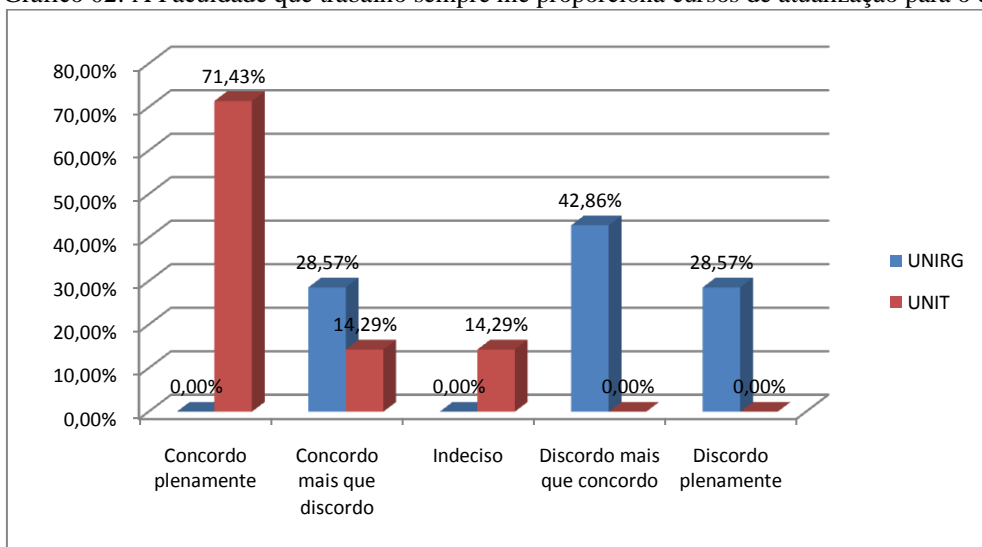


Fonte: pesquisa de campo

Outro fator que influencia na formação do professor e do aluno, no ensino-aprendizagem é a IES, pois esta pode auxiliar na sua capacitação, tendo em vista que a mesma tem liberdade de elaborar seu projeto pedagógico e sua estrutura curricular. Esta deverá sempre estar preocupada com a qualificação do seu corpo docente e na medida do possível, proporcionar possibilidades da educação continuada, cursos de atualização pedagógica, infraestrutura de trabalho que para Peleias (*et al*, 2006, p. 134), para que haja aprendizagem e ensino é necessário que se adéque os ambientes e instrumentos para tal, referindo-se às salas, equipamentos, materiais didáticos, laboratórios e bibliografias. “É preciso prever, obter e garantir o uso de espaços organizacionais e comunitários que funcionem como ambientes efetivos de aprendizagem”.

Ao observarmos as respostas dos entrevistados no tocante ao questionamento se a IES onde trabalha proporciona cursos de atualização – Gráfico 02, a diferença entre as opiniões foram significativas, pois dos docentes da UNIT 71,43% concordaram plenamente, enquanto que 71,43% dos docentes da UNIRG discordaram totalmente ou parcialmente, o que leva a crer que esta instituição não está participativa na formação do quadro docente em relação aos cursos de preparação pedagógica.

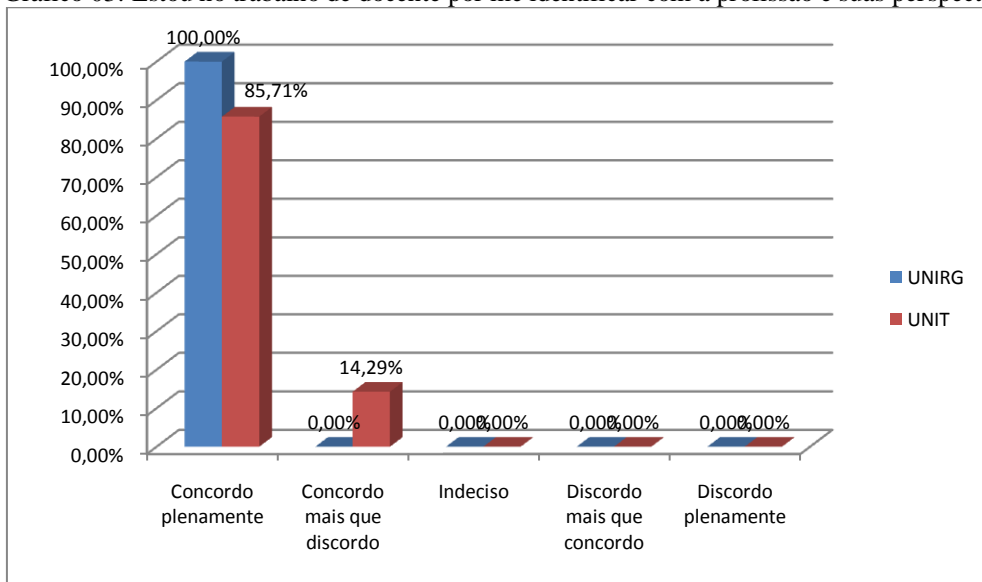
Gráfico 02: A Faculdade que trabalho sempre me proporciona cursos de atualização para o exercício da docência



Fonte: pesquisa de campo

Quando indagados sobre a opção de docência, quase que a totalidade dos pesquisados assinalaram que a escolha foi feita por estar identificado com a profissão, o que é um bom indicador. Se você trabalha e gosta do que faz há uma maior dedicação e busca de melhoria na qualidade, ainda mais quando o mercado remunera melhor os bons profissionais.

Gráfico 03: Estou no trabalho de docente por me identificar com a profissão e suas perspectivas



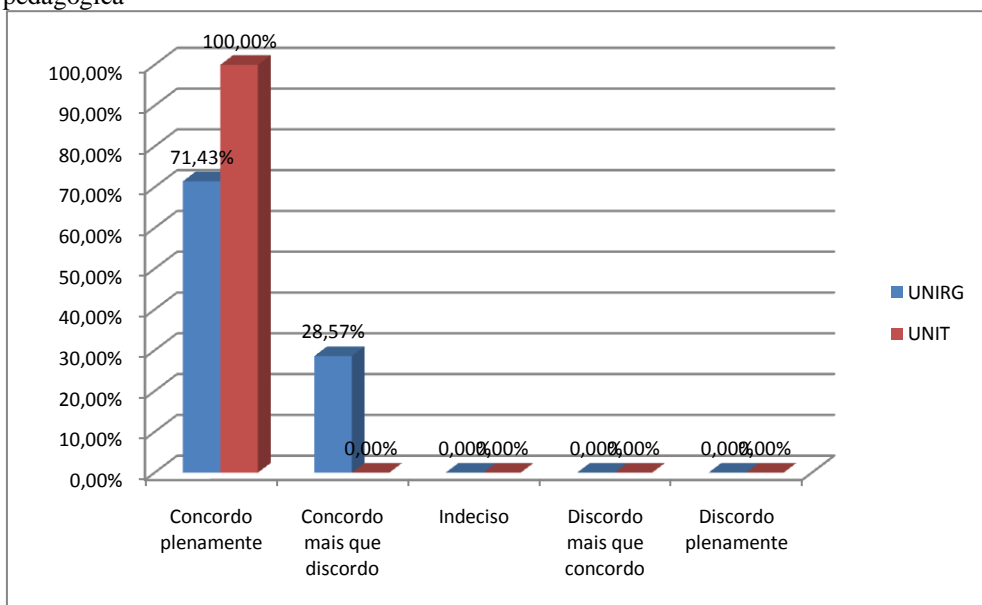
Fonte: pesquisa de campo

O Gráfico 04 mostra uma preocupação com a atualização na profissão contábil. Esta não é uma surpresa tendo em vista que a área é muito dinâmica quanto às transformações, como pudemos observar de 2007 para cá com as mudanças na principal legislação Contábil, a Lei das Sociedades Anônimas, 6.404/76. Houve um grande progresso

frente à internacionalização das normas, reflexo da abertura de mercado, da globalização, das grandes empresas estrangeiras que operam no país e as empresas brasileiras que estão se embrenhando no mercado americano, europeu e asiático. A atualização se torna então uma condição *sine qua non* para a sobrevivência do profissional.

Entretanto o que se observa também é que dentre estas atualizações, poucas são as que se referem à área de ensino. O saber técnico Contábil ainda se sobrepõe ao didático-pedagógico. Não que este seja mais ou menos importante, mas deveria ser visto de uma forma igualitária, em que fosse priorizado de igual forma.

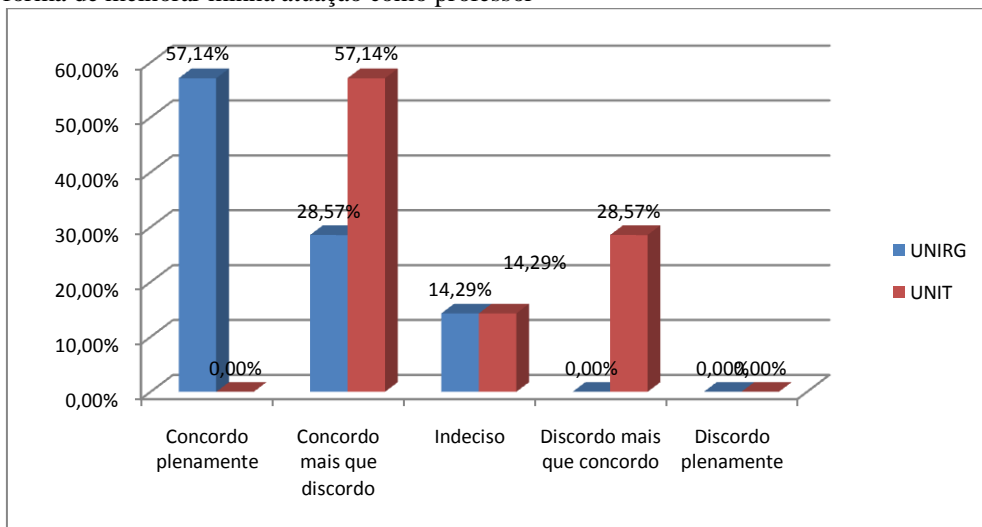
Gráfico 04: Eu procuro me atualizar sobre a profissão contábil e o mercado de trabalho, bem como na área pedagógica



Fonte: pesquisa de campo

Na questão 12 perguntou-se sobre as leituras na área de ensino, como os clássicos Perrenoud e Piaget por exemplo. A pontuação dos professores da UNIT oscilaram entre 1 e 3 enquanto que os da UNIRG ficaram entre 2 e 4. As respostas demonstram que os professores da UNIRG procuram atualizar-se por condição própria, tendo em vista que os mesmo informaram que a instituição não proporciona cursos e veio comprovar que quando se fala em atualização, num contexto geral, o profissional contábil se atualiza na área específica da Contabilidade, como podemos comprovar fazendo a comparação entre os Gráficos 04 e 05. Na UNIT quase 43% ou não se atualizam ou ficaram indecisos na resposta, talvez pelo pouco conhecimento que se têm da área de ensino.

Gráfico 05: Procuo leituras de autores da área de ensino como por exemplo Perrenoud, Vygotsky e Piaget como forma de melhorar minha atuação como professor

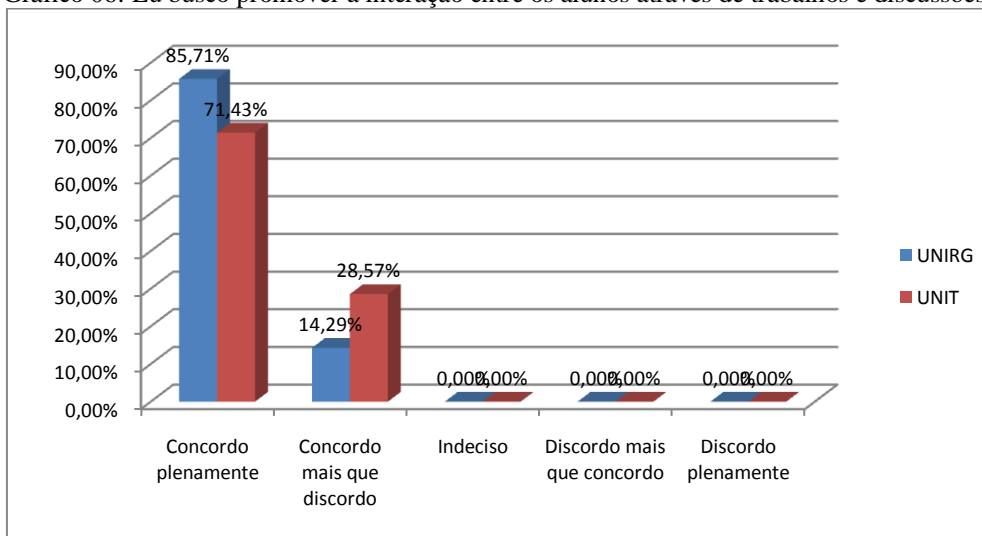


Fonte: pesquisa de campo

Será observada agora a categoria de Relação Ensino-Aprendizagem, onde foram feitas oito perguntas. No Gráfico 06 questionou-se sobre a interação dos alunos com a aplicação de trabalhos e discussões em sala de aula. De um modo geral as pontuações variaram de 3 a 4, com maior ênfase a esta última. Fazer com que o aluno deixe de ser o sujeito passivo e faça parte do planejamento da aula é condição para que haja a efetiva aprendizagem. Ainda para Peleias (*et al*, 2006, p. 135),

“é recomendável usar estratégias de ensino diversificadas e que estimulem o aluno contribuindo para promover a aprendizagem e o desenvolvimento de competências, o aprender a aprender, por meio do estímulo ao desenvolvimento [no uso da tecnologia, e o pensamento autônomo.”

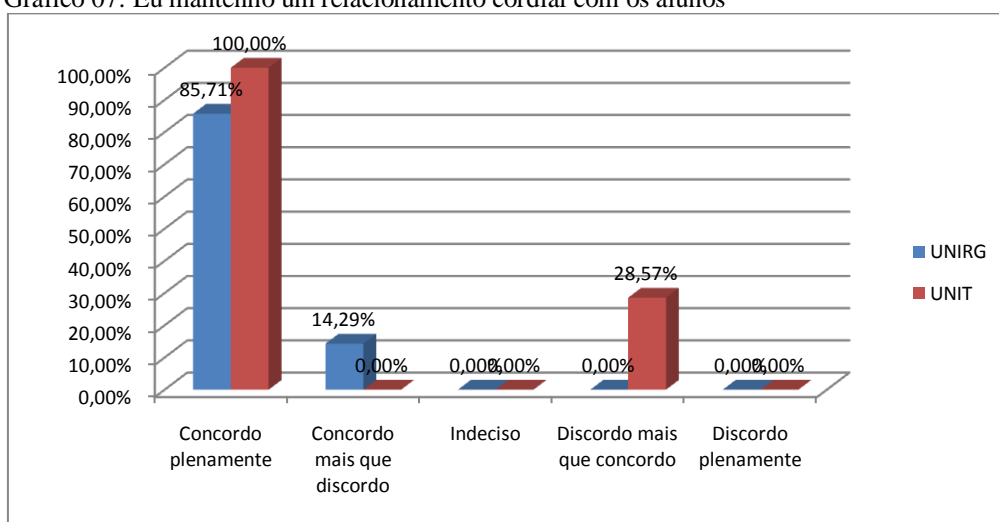
Gráfico 06: Eu busco promover a interação entre os alunos através de trabalhos e discussões



Fonte: pesquisa de campo

Quando se refere ao relacionamento com os estudantes, Dias (*et al* 2009, p. 129-130) em estudo realizado com alunos, aponta que a palavra amigo é uma constante nas resposta sobre o que é um bom professor para eles. Ter domínio da sala de aula não significa ser ríspido, criar uma barreira de contato com o aluno. Uma dos paradigmas que há muito deveria ter deixado de existir é que o professor é o detentor do saber, enquanto que o aluno é o receptáculo e deve esperar ansioso as informações passadas pelo mestre. Era comum ver o docente atrás de uma mesa criando, muitas vezes, uma barreira de contato. Essa atitude leva a intimidação por parte do alunado, não deixando-o a vontade para questionar, tirar dúvidas. Saber lidar com as diversas personalidades dentro da sala, criar um ambiente propício à aprendizagem é o que torna o ensino prazeroso. Podemos observar no Gráfico 07 que há uma preocupação saudável entre os docentes em manter um diálogo, uma comunicação, um relacionamento bom com os alunos.

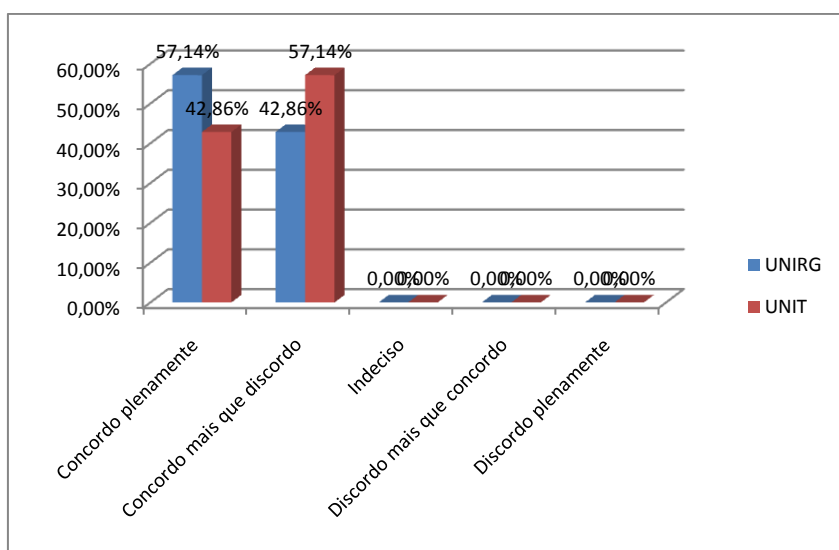
Gráfico 07: Eu mantenho um relacionamento cordial com os alunos



Fonte: pesquisa de campo

No gráfico 08 os professores foram perguntados se desafiavam os alunos com tarefas interessantes, a pontuação ficou entre três e quatro. Os alunos de contabilidade trabalham normalmente durante o dia e ao chegar à sala de aula já estão cansados e com o nível de estresse alto. Ao se optar pela aula expositiva somente o grau de aprendizagem cai consideravelmente. O aluno da geração *fast-food* precisa ser instigado, desafiado para que sua atenção esteja sempre presente. É necessário que o professor busque novas formas de ensino, novas técnicas, que se crie um ambiente motivador.

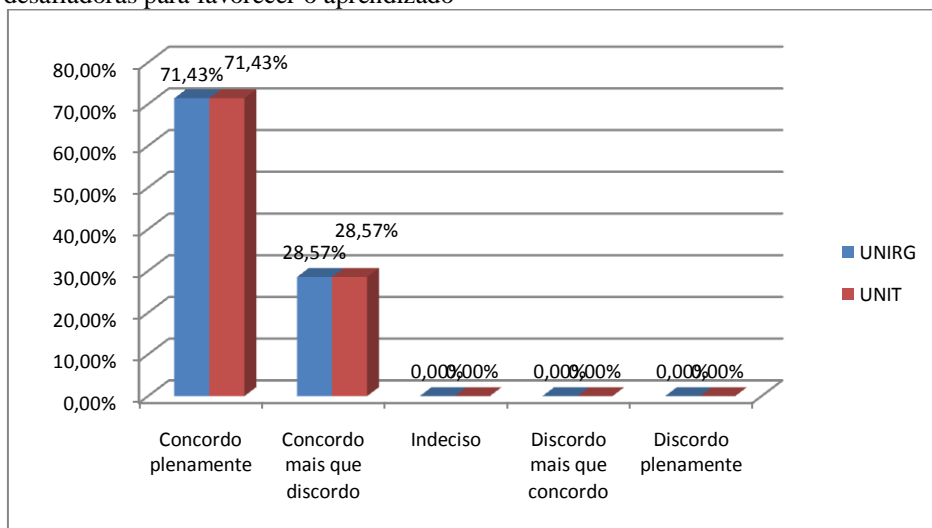
Gráfico 08: Busco sempre promover tarefas interessantes e desafiadoras para favorecer o aprendizado



Fonte: pesquisa de campo

Parte do êxito em sala de aula é, como em qualquer atividade, a preparação antecipada do que se vai fazer. O Gráfico 09 demonstra que 71,43% de todos os entrevistados têm essa preocupação e em menor grau, mas com boa margem de pontuação, 28,57% prepara de modo antecipado. Alguns professores se utilizam dos planejamentos anteriores, de turmas que já ministraram aulas. Com a informatização o planejamento semestral pode ser recuperado com facilidade e utilizado rapidamente para o semestre a ser planejado. Entretanto deve-se ter cuidado, por que dificilmente tem-se uma turma igual à outra, necessitando fazer as devidas adequações. O projeto pedagógico do curso direciona os trabalhos docentes no que tangue aos conteúdos, mas a forma de se aplicar este conteúdo é de inteira responsabilidade do professor. Há tecnologias que auxiliam em sala de aula, como data-show e jogos, por exemplo, mas que não podem substituir as variáveis que o professor está sujeito.

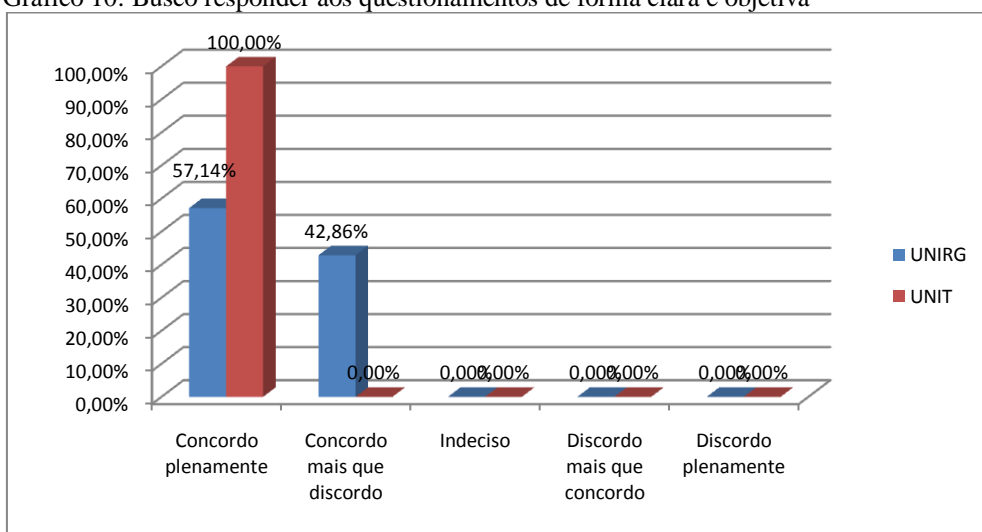
Gráfico 09: Preparo antecipadamente todas as minhas aulas, procurando sempre inserir tarefas interessantes e desafiadoras para favorecer o aprendizado



Fonte: pesquisa de campo

No gráfico abaixo percebe-se uma diferença significativa quanto às respostas dos professores da UNIT e da UNIRG. Todos os entrevistados da UNIT afirmaram que buscam responder aos questionamentos dos alunos de forma clara, objetiva e apenas 57,14% dos professores pesquisados da UNIRG fizeram a mesma afirmação com total segurança. Talvez seja uma auto-avaliação por parte dos docentes e que estes não se sentem seguros nas respostas ou mesmo nas perguntas. É um fato a ser levando em consideração tendo em vista que se não há segurança nas respostas, a tendência é que, consciente ou inconsciente, o professor crie uma barreira entre ele e os alunos.

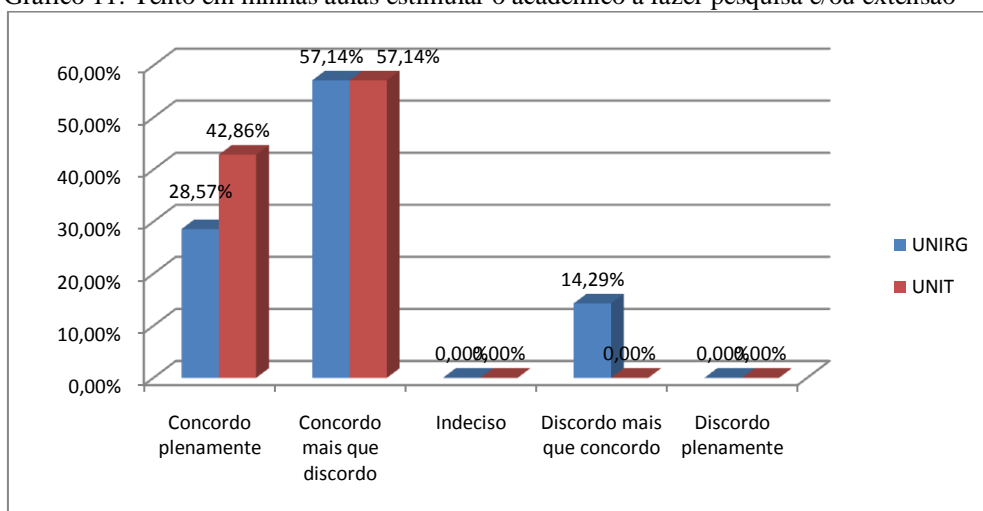
Gráfico 10: Busco responder aos questionamentos de forma clara e objetiva



Fonte: pesquisa de campo

É fato e notório que para que se coordene pesquisa e extensão é preciso de preparo técnico para isso, além de competência. Estar familiarizado com os meandros da pesquisa principalmente leva tempo e dedicação, que normalmente a especialização não traz. Não venho aqui dizer que o especialista não tem capacidade de ser um bom pesquisador, mas que na grande maioria dos casos, principalmente no que concerne ao Contador, sua pouca experiência nesta área faz com que suas pesquisas sejam superficiais ou deficitárias quanto aos procedimentos metodológicos e a sua fundamentação teórica principalmente. Então como exigir ou implementar pesquisas com efetivo grau de relevância aos alunos? Podemos verificar isso nas respostas do Gráfico 11, em que 57,14% obtiveram pontuação 3. Apesar de quase a totalidade estar entre as pontuações 3 e 4, a baixa produtividade na área contábil nas instituições de um modo geral é reflexo da pouca qualificação dos docentes.

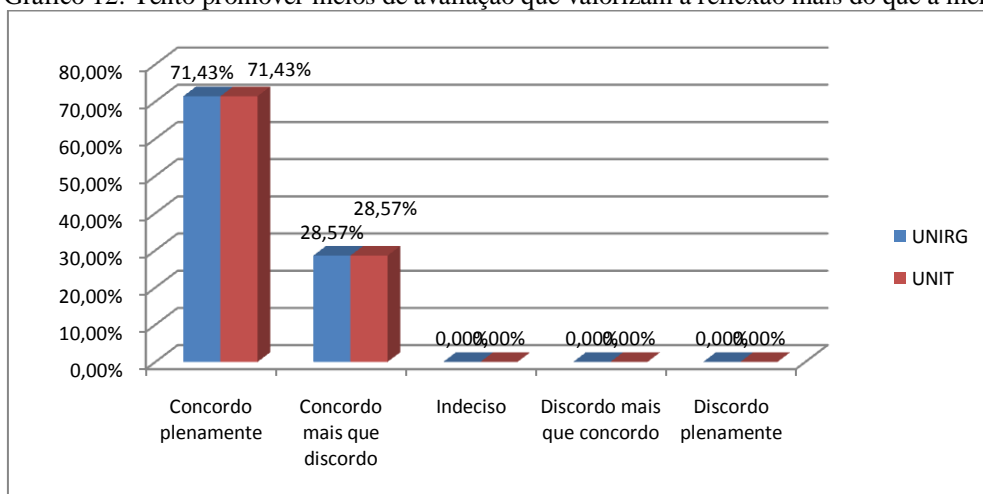
Gráfico 11: Tento em minhas aulas estimular o acadêmico a fazer pesquisa e/ou extensão



Fonte: pesquisa de campo

O questionamento levantado pelo Gráfico 12 é o que mais me chamou a atenção. 71,43% dos entrevistados afirmam plenamente que valorizam mais a reflexão do que a memorização, entretanto não é o que percebo no cotidiano das instituições. Houve sim um grande progresso na última década, mas o alto índice que está demonstrado não condiz com o que verifico em sala de aula. A exigência da memorização de débito/crédito das disciplinas específicas do curso nas avaliações é visível. Alguns defendem esta estratégia por se tratar de disciplinas técnicas, outros, porém acreditam que a evolução da contabilidade e das exigências profissionais já deixou para trás esta premissa. Não cabe aqui discutir, mas apenas colocar o questionamento se essa resposta condiz com a realidade.

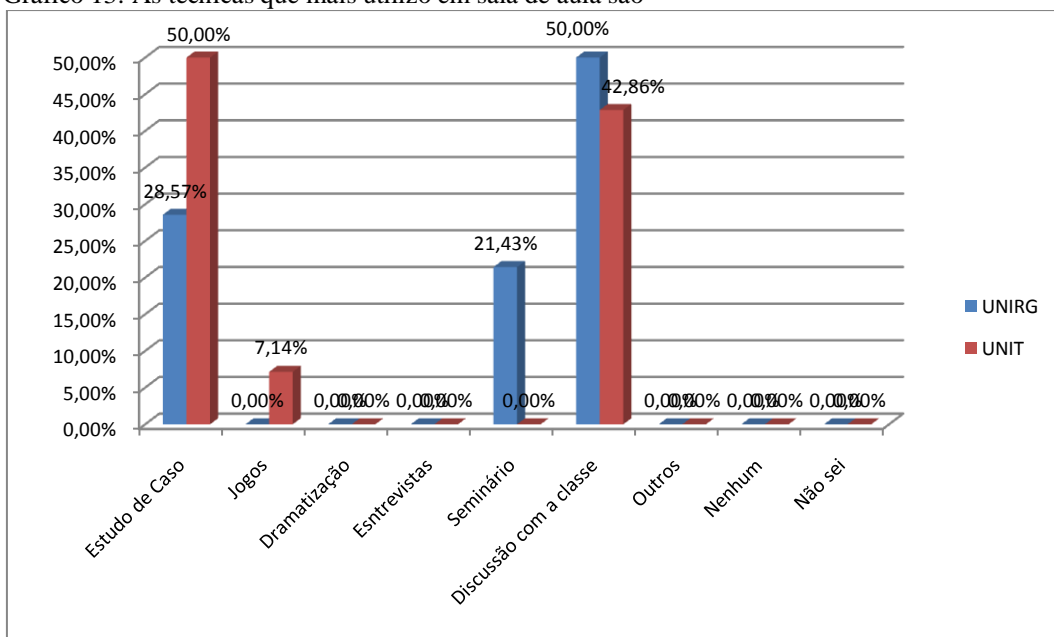
Gráfico 12: Tento promover meios de avaliação que valorizam a reflexão mais do que a memorização



Fonte: pesquisa de campo

Na última questão referente ao ensino-aprendizagem, buscou-se saber das técnicas utilizadas pelos docentes em sala de aula. Como principais opções escolhidas tivemos o Estudo de Caso e a Discussão com a Classe. Estas por serem talvez mais tradicionais e ligadas à área de negócio ficaram à frente das demais. Tivemos um caso em que se utilizam Jogos e três que se utiliza de Seminários. A pouca diversificação é uma preocupação, não houve nenhuma variante das opções expostas no questionário, mesmo com a opção de “outros” presente.

Gráfico 13: As técnicas que mais utilizo em sala de aula são



As tabelas 07 e 08 apresentam as pontuações obtidas por cada um dos professores e também das instituições. A maior pontuação recebida pelos professores da UNIRG foi de 55 enquanto que a UNIT obteve pontuação máxima de 62. A UNIRG apresentou uma pontuação total de 373, ficando 21,63% abaixo da pontuação máxima. A UNIT obteve 401 ficando abaixo em 15,76% e apresentou uma variação positiva em relação à UNIRG de 7,51% como observado na Tabela 09. Esta comparação não define se um curso é melhor ou pior que o outro, tendo em vista que se for aprofundado os estudos algumas questões deveriam ter peso maior, dependendo do objetivo do estudo, tal como o grau de formação e tempo de dedicação à IES.

Tabela 07: Pontuação por Professor UNIRG

Questões Professor	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	18	20	Total
1	4	3	3	0	4	3	3	4	3	3	3	4	3	3	4	3	3	53
2	1	2	3	3	4	4	4	4	3	4	4	4	3	4	3	3	2	55
3	1	2	4	0	4	4	4	4	4	4	3	3	3	4	4	4	3	55
4	0	1	3	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	1	1	53
5	0	1	3	1	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	2	2	53
6	2	2	3	1	4	4	4	3	4	4	4	3	3	4	4	4	1	54
7	2	2	3	1	4	4	4	3	3	3	3	2	1	3	4	4	4	50
Total	10	13	22	9	28	27	27	26	25	26	25	24	21	26	27	21	16	373

Fonte: pesquisa de campo

Tabela 08: Pontuação por Professor UNIT

Questões Professor	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	18	20	Total
1	3	2	1	4	4	4	4	4	3	4	4	1	3	4	4	2	4	55
2	1	2	3	2	4	3	4	4	3	3	4	1	3	3	4	4	1	49
3	4	2	4	4	4	4	4	4	3	4	4	3	3	4	4	3	4	62
4	3	2	4	4	4	4	4	4	4	4	4	1	4	4	4	2	2	58
5	4	2	3	4	4	3	4	4	3	4	4	3	3	3	4	4	4	60
6	1	2	4	3	4	4	4	4	4	4	4	3	3	4	4	2	1	55
7	3	2	4	4	3	4	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	4	62
Total	19	14	23	25	27	26	28	28	24	27	28	14	23	26	28	21	20	401

Fonte: pesquisa de campo

Tabela 09: Variação de Pontuação entre UNIRG e UNIT por Professor

Professor	UNIRG		UNIT	Δ%
1	53	-22,06%	55	-19,12%
2	55	-19,12%	49	-27,94%
3	55	-19,12%	62	-8,82%
4	53	-22,06%	58	-14,71%
5	53	-22,06%	60	-11,76%
6	54	-20,59%	55	-19,12%
7	50	-26,47%	62	-8,82%
Total	373	-21,64%	401	-15,76%

Fonte: pesquisa de campo

4.2 Análise e Interpretação das Entrevistas

A análise das entrevistas também seguirá a divisão em categorias, sendo oito referentes à formação e capacitação e duas referente ao ensino-aprendizagem. As perguntas seguiram um roteiro previamente estabelecido, porém no decorrer da entrevista alguns pontos foram acrescentados, visando complementar a resposta ou ainda, por apresentar alguma relevância na pesquisa. A análise será feita englobando todos os entrevistados em cada pergunta, e as questões levantadas à parte serão descritas como complemento.

Na primeira pergunta foi levantado como o entrevistado trilhou o caminho da docência. Três dos quatro pesquisados tiveram trajetórias parecidas, pois não foi algo

planejado e que em decorrência da atividade profissional acabaram sendo inseridos a convite de coordenadores de curso na atividade de docência.

a minha entrada na docência veio por convite, por um convite pessoal, da coordenação, eu anteriormente a isso não tinha pensado em lecionar, tá, e com o convite eu comecei, eu refleti e me senti segura para ir para sala de aula pela bagagem que eu já tinha de atuação no mercado de trabalho (Ângela Dantas)

Entretanto o professor Gilberto Amorim já tinha formação como pedagogo, estava inserido na área de ensino e para ele, foi algo natural que foi sendo encaminhado aos poucos.

Eu era professor de ensino médio e concomitantemente atuava na área contábil e... por atuar na área contábil e ter formação pedagógica, me despertou e tive o interesse de vir para o nível superior atuar na área contábil quanto professor, e acho que em decorrência da minha formação eu fui sendo conduzido para esse caminho. (Gilberto Amorim)

Questionados sobre como a formação que os mesmos tiveram contribuíram para a atividade docente, as respostas variaram significativamente. Para o professor Victor, o que contribuiu mesmo foi o mestrado, onde teve uma formação mais sólida na área de didática, na área de docência.

apenas o mestrado contribuiu para a vida docente, porque na graduação mais foi o ensino técnico de contabilidade, na pós graduação mais específico ainda, que foi em auditoria, mais específico para você ser um profissional da auditoria, apenas o mestrado que lá teve uma formação mais sólida na área de pesquisa, na área de docência (Victor de Oliveira)

Para o professor Gilberto a formação pedagógica que ele já possuía foi crucial para a sua atuação no curso de Contábeis. Este enfatizou que “não consigo ver a minha atuação sem essa formação pedagógica”. Eu perguntei ao mesmo se para ele foi conflitante estar em duas realidades de ensino diferentes, onde uma ele como aluno de pedagogia estava sendo preparado para atuar em sala de aula e outra como aluno de Contabilidade, estava sendo preparado para atuar no mercado de trabalho. Neste ponto ele solicitou refazer sua resposta quanto ao caminho trilhado para docência superior:

eu quero até refazer o que disse anteriormente em relação a eu ter trilhado um caminho normal para chegar na docência superior e agora eu gostaria até de refazer essa resposta porque eu já sofri muito, eu já ter sido pedagogo, enquanto pedagogo, fazendo o curso de ciências Contábeis e vivenciando, passando por experiências, passando por professores sem aquela formação ou sem nenhuma experiência didática poderemos assim dizer, e isso provocava em mim uma certa.. para não dizer...é..uma certa insatisfação.. me provocava uma certa angústia no sentido de contribuir, como eu poderia atuar quanto pessoa para poder contribuir para que essa situação se tornasse diferencial (Gilberto Amorim)

Para o professor Anderson a principal contribuição para o exercício da docência foi a sua experiência de mercado e o período que ensinou no curso secundário técnico.

olha, na minha formação para a prática docente, inicialmente o curso superior que eu fiz na instituição (UNIT), depois a experiência que eu tinha na atividade de contador já há bastante tempo quando eu iniciei já tinha quinze anos de profissional de contabilidade como curso técnico e posterior como curso superior e também contribuiu o período que passei lecionando a nível de segundo grau (Anderson Rêgo)

Mais enfática a professora Ângela afirmou que não foi preparada em nada pela sua formação, pois esta sempre teve o foco empresarial e público, sendo a linguagem utilizada bem diferente da que se tem em sala de aula com os alunos. Todos são consistentes em afirmar que a formação pedagógica é importante para o ambiente em sala de aula. Mas percebi uma diferença na visão mais sistematizada entre os professores com maior formação pedagógica, o professor Gilberto e o professor Victor e os que possuem maior formação técnica, a professora Ângela e o professor Anderson.

O conteúdo das respostas dos professores com formação pedagógica tem inserido a conceituação de ensino-aprendizagem, como na palavra do professor Gilberto:

penso eu que ser professor não é simplesmente tentar ensinar algo, ser professor é algo muito além disso, o que você tenta ensinar está inserido num universo maior e você precisa ter uma leitura desse universo e você precisa problematizar este universo para transformar isso em possibilidade de aprendizagem, não é simplesmente se pegasse um conteúdo e somasse dois mais dois são quatro, não é..

Para a professora Ângela deve existir um equilíbrio entre o conhecimento pedagógico e o técnico. Dentro do que Peleias (2006) debate os dois estão corretos, dependendo de como o professor aborda ou problematiza tais conhecimentos.

não posso dizer essencial, mas que contribui.. é meio a meio porque não adianta você ter uma bagagem pedagógica e se você também não tem uma bagagem do que você vai passar, da atualidade, do que tá ocorrendo no mercado se não cê tá formando pessoas que o mercado não quer absorver

Quanto à formação contínua, os mesmos buscam estar se capacitando. Observando as respostas do questionário pode-se verificar que a UNIT proporciona maior capacitação aos seus docentes do que a UNIRG, entretanto independente da IES os professores buscam se atualizar, através de cursos, palestras e leituras. Há um diferencial, onde alguns professores dão mais ênfase à própria área contábil como é o caso da professora Ângela e outros dão mais ênfase na área docente como no caso do professor Victor. O

professor Anderson disse que se atualiza muito por leituras, mas ele falou que devido ao seu tempo corrido, não participa de todos os cursos de atualização pedagógica oferecido pela IES.

Quanto à percepção dos mesmos em relação aos docentes que não possuem qualquer formação na área pedagógica obtive duas respostas opostas. A professora Ângela defendendo que se deve dar grande importância a técnica, mas tendo o peso de meio a meio entre técnica e conhecimentos pedagógicos.

eu acho que é importantíssimo, o professor pode ter a bagagem pedagógica que for, mas se ele não tiver uma experiência, uma bagagem de mercado para passar pro aluno, entra um pouco...sinto que o aluno cria um certo descrédito com esse professor. Então eu acho que no curso de contábeis pesa cinquenta por cento pedagógico, cinquenta por cento mercado, conhecimento de mercado. (Ângela Dantas)

Já o professor Gilberto acredita que o curso é prejudicado pela ênfase que se dá à técnica, pois o campo da Contabilidade é muito amplo e compreendê-lo requer que o professor consiga transmitir certos conhecimentos aos alunos e para isso, é necessário que este seja preparado:

o curso é prejudicado devido a esse foco à técnica... eu penso que há uma dificuldade grande de se distanciar da técnica, de enxergá-la num universo social, de um universo humano, de um universo histórico, enquanto técnica, enquanto ciência, enquanto ação dentro desse universo.. [...] não desrespeitando a técnica, ela é fundamental, mas penso que a ciência contábil ela é muito mais que a técnica e o saber universal nas ciências contábeis ela pode contribuir muito mais do que registrar fatos.. né.. tomar decisão, entender, compreender, fazer.. é.. diagnosticar

Ao serem questionados se na opinião deles o mestrado ou doutorado poderia contribuir para a melhoria do professor em sala de aula, houve novamente uma diversidade de opiniões, apesar de todos serem favoráveis ao mesmo. Para Gilberto há muita contribuição e que cursar o mestrado é o seu sonho. Para ele será uma complementação à sua formação principalmente no que tange à pesquisa.

Para Victor a principal contribuição dos mestres ou doutores também diz respeito a pesquisa e isso acaba influenciando em sala pois “você procura não passar mais o tema de forma superficial, você procura primeiro pesquisar mais sobre aquele tema, você já tem um critério melhor, um senso crítico melhor como pesquisador”. Em particular ele acha que o seu mestrado só contribuiu mais em sala de aula porque a sua pesquisa foi na área de ensino da contabilidade onde teve, por obrigação, contato com obras voltadas ao ensino como Paulo Freire e Jean Piaget. Fazendo um olhar mais amplo, para que o mestrado ou doutorado faça diferença é preciso observar dois pontos: o programa de mestrado e o dom de professor. Quanto ao dom ele se refere ao docente que tem a titulação, mas não sabe transmitir, ou seja,

acaba não favorecendo o ensino-aprendizagem, focalizando seus esforços somente no ensino e deixando o aluno como sujeito passivo em sala de aula.

para que o mestrado e o doutorado ele faça alguma diferença, isso aí depende muito de dois quesitos, depende muito do programa do mestrado [...]e ele depende também do dom da pessoa também como professor, porque as vezes a pessoa ela não tem o dom como professor, ela faz o mestrado o doutorado e ela se torna um professor pior do que muitos graduados e especialistas.. [...] aí fica uma situação ruim, porque ele não tem didática, ele não sabe transmitir o conhecimento para o aluno e acha que o título é muito.. então ele acha ah eu sou doutor, eu sou mestre, então eu sou o tal, mas muitas vezes, você pega aí as vezes um especialista que é professor ou até mesmo um graduado, em algumas poucas faculdades aceitam um graduado ser professor, ele tem toda uma formação pedagógica, tem todo um dom pra ser professor e ele vai ministrar sem dúvida nenhuma uma aula melhor que um doutor, do que um mestre, porque o doutor e o mestre ele dá uma formação sólida para ser pesquisador, mas ser um bom pesquisador não te garante ser um bom professor... [...]então para que o mestrado e doutorado faça a diferença, a pessoa além do mestrado e doutorado ela tem que ter uma vocação para ser professor e mais ainda, o programa de doutorado e mestrado ele tem que frisar a docência. (Victor de Oliveira)

Para Ângela e Anderson influencia na medida em que você adquire um maior grau de conhecimento e este acaba por torna-se um diferencial em sala de aula, solidificando sua formação.

Na pergunta sobre o que poderia ser mudado, modificado ou adequado na formação do profissional em contabilidade para que ele possa ter oportunidade de ser preparado para o exercício da docência Gilberto foi bem direto, que deveria ter uma disciplina de didática dentro da grade curricular. Esta serviria não só para o futuro professor, mas ajudaria a desenvolver o futuro profissional para outras funções, como conferencista, palestrante ou que simplesmente vá repassar informações a outros. A mesma opinião tem Victor:

poderia também estar incluindo também na graduação seja de forma obrigatória ou optativa alguma disciplina assim como as vezes tem numa pós-graduação, tem no mestrado ou até no doutorado, alguma disciplina voltada para a questão pedagógica para a questão didática porque tendo uma disciplina dessa dentro do curso ela não vai só ajudar que a pessoa tenha condições de definir se ela vai ser professora ou não, mas ela vai definir... pode ajudar essa pessoa se expressar bem como consultor, se expressar bem como palestrante

Para Anderson os conselhos de classe deveriam atuar mais no incentivo da docência, tendo uma participação maior dentro das IES. Para Ângela deveria ter mais cursos na área, ter mais professores com mestrado e doutorado, pois seria um reflexo, um espelho para o aluno. Outro ponto que ela coloca implicitamente é a melhoria das condições de remuneração já que o mercado empresaria é mais receptivo ao profissional contábil.

teria que ter mais cursos na área, mais pessoas né, com curso de mestrado de doutorado para que tivesse um estímulo maior a ser docente tá, o que acontece é que no nosso curso o mercado de trabalho ele é muito atrativo, nós não temos problemas

de colocação de mercado de trabalho pros nossos alunos que se formam. Eles realmente são bem absorvidos e é uma profissão que responde relativamente bem tá, não são grandes fortunas mas dá um equilíbrio médio de mercado. Então muitas vezes as pessoas na busca de logo ter uma recompensa salarial procura deixando de lado esses anos que você tem que se dedicar à docência, se capacitar pra docência tipo mestrado, doutorado e o mercado é quem realmente define essa situação. (Ângela Dantas)

E por como ultima pergunta desta categoria, os mesmo traçaram o perfil exigida do professor de contabilidade nos dias atuais. Para Gilberto o professor deveria se desprender da técnica somente e buscar o contexto mais amplo do conhecimento. Para Victor há a tendência de quebra de paradigmas da profissão contábil, principalmente a partir de 2008 com as mudanças na legislação contábil.

muitas verdades, muitos paradigmas que a gente tinha a gente vai ser obrigado a trocar esse paradigma e entender a contabilidade de uma forma mais gerencial, de uma forma mais ágil e ter um foco maior que o usuário da informação contábil de maior relevância é o investidor é o detentor do capital é não o fisco, então neste sentido na internacionalização da contabilidade de 2008 pra cá, é uma tendência que não vai voltar mais até para fortalecer as instituições brasileiras vai ser nos cobrado também do professor, que é o professor que tem mais tempo de docência a quebra de fortes paradigmas, de entender a contabilidade de uma forma um pouco deferente que ele teve até mesmo em sua formação de graduação

Anderson também figura as mudanças na legislação foco de atualização e mudança de cenário no perfil do professor. Estar atualizado com o mercado e que nas palavras da professora Ângela “tem que ser uma pessoa altamente atendida, globalizada que saiba o que tá acontecendo tanto no Brasil com a legislação do Brasil, com a legislação dos EUA, do mercado comum europeu principalmente né”.

Agora analisando a categoria de ensino-aprendizagem, temos duas perguntas que foram feitas. A primeira foi como se dá a relação do professor com os alunos quanto a transmissão do conhecimento, do ensino e para os mesmos é sempre um desafio.

Para Ângela há uma resistência muito grande com a parte teórica, talvez reflexo do perfil tecnicista do curso. Mas ela disse que busca que essa teoria é necessária para que se crie um raciocínio lógico necessário à execução das atividades como profissional contábil. Para Anderson a prática que este possui como profissional no mercado é importante para que seja colocada em sala de aula.

Nesta questão Gilberto busca conhecer os alunos, conhecer o ambiente em que estão inseridos, para que ele saiba como planejar a sua aula. Suas colocações estão dentro do que aponta Gil(2008) quanto ao processo de ensino e planejamento em sala de aula.

olha, o princípio dessa relação eu estabeleço um diagnóstico, logo nos primeiros dias de aula, independente do planejamento, eu chego e preciso saber e sentir como é aquele ambiente, quem são aquelas pessoas, de onde elas vêm, como elas pensam o que elas desejam... e procuro com toda honestidade saber exatamente como é que é aquele ambiente... baseado naquele ambiente é que vou estabelecer a minha prática.. então cada ambiente é único, cada momento é único.. é um fazer constante.. (Gilberto Amorim)

Para Victor este é um desafio constante, pois a cada período é uma descoberta nova, são alunos novos, outros perfis. Para ele é necessário entender os “estilos cognitivos dos alunos, a forma que eles pensam, transmite conhecimento, mas essa aí é uma das tarefas mais desafiadoras que eu vejo quanto professor”.

Finalizando a entrevista buscou-se saber como é feito o planejamento em sala de aula. O professor Victor informa que está fazendo seu planejamento de forma bem antecipada, fruto da necessidade do perfil dos ingressantes na faculdade, que são mais jovens e tem pouco conhecimento da área contábil, diferentemente de uma década atrás onde entravam mais técnicos em Contabilidade. No atual planejamento ele busca implementar novas técnicas de ensino como jogos e estudos de caso.

Para Gilberto, apesar de o planejamento partir de um modelo pré-existente, obedecendo a um conteúdo e um cronograma, a metodologia é dinâmica, que vai se adaptando ao contexto do dia, sendo repensada e refeita à medida que a turma dá um *feedback*³.

Para Anderson o planejamento segue de acordo com as normas da IES, feito antes do início das aulas e disponibilizado para os alunos. São feitas alterações conforme há a percepção do rendimento da turma, adequando-se a nova realidade.

Da mesma forma é feito por Ângela:

na expectativa do início do semestre a gente prepara né, um...um plano de trabalho, mas no decorrer, dependendo como a turma respondendo você pode continuar com esse trabalho... com esse mesmo plano que você fez inicialmente ou você tem que fazer adequação, aliás como tudo você tem que adequar conforme vai desenvolvendo seu trabalho. De repente você tem um percalço em sala de aula, cê preparou o semestre e a turma é muito grande ou a turma não estava bem preparada ou não entendeu a sua linguagem, cê tem que adequar pra ela, é essencial

³ é o procedimento que consiste no provimento de informação à uma pessoa sobre o desempenho, conduta ou eventualidade executada por ela e objetiva reprimir, reorientar e/ou estimular uma ou mais ações determinadas, executadas anteriormente

V CONCLUSÃO

Quando olhamos todo o contexto de Formação e Capacitação dos professores de Contabilidade percebemos que ainda está muito aquém do desejado para o exercício da docência a nível superior. Somente a especialização não é o suficiente para suprir as necessidades pedagógicas inerentes à profissão. É necessária a busca de atualizações, tanto a título de mestrado ou doutorado quanto formação contínua, através de participações em congressos, cursos entre outros.

O mercado empresarial ainda é o maior concorrente da docência em Contabilidade pois oferece melhores salários do que o magistério. Quem ingressa nessa profissão o faz, na grande maioria, por vontade e desejo. Entretanto Nossa (1999) destaca que a baixa qualidade dos nossos alunos influencia nos futuros docentes, pois estes é que exercerão tal atividade no futuro.

Através da pesquisa realizada pude perceber que ainda há uma dicotomia entre o professor com foco no ensino e o professor com foco na técnica. Não coube aqui avaliar o professor, se este ou aquele é o melhor, mas apenas identificar sua formação e como isso influencia na sala de aula. Observando outros trabalhos com mesmo foco visualizo que todos apontam para resultados parecidos, em que a maioria dos professores em Contabilidade possui apenas a especialização e há casos que somente a graduação.

O cenário aos poucos está mudando, temos um aumento nos trabalhos dedicados ao ensino de contabilidade, mas que ainda são pífios. Autores como José Carlos Marion, Ivam Ricardo Peleias e Daniel Augusto Moreira procuram destrinchar os meandros deste curso que tem que aliar o ensino técnico profissional e as novas demandas do mercado. Dar ênfase nos estudos de novas técnicas a serem utilizadas no ensino de Contabilidade, nas competências e habilidades é necessário e primordial.

Com relevante destaque na pesquisa posso mencionar ao menos a conscientização por parte dos professores, da importância do conhecimento pedagógico, da pesquisa e da extensão. Há que se destacar na UNIT a quantidade de professores Contadores com dedicação integral à instituição. Claro que é um requisito obrigatório exigido das Universidades quanto à sua avaliação no MEC e que influencia na avaliação do curso e da IES como um todo.

Entretanto muitas instituições preenchem as exigências mínimas de um terço do corpo docente entre mestre e doutores e parte com dedicação integral à docência com profissionais fora da área do curso.

Apesar de tão carente de formação, a docência em Contabilidade é muito promissora. Fazendo-se as contas não possuímos nem dois professores mestres para cada IES e doutores não se pode nem comparar, e com um agravante, a região sudeste e sul concentram boa parte destes profissionais. É um mercado que não remunera tão mal, mas que traz grandes oportunidades quando aliados ao mercado empresarial. No âmbito da pesquisa o prognóstico é o mesmo, muito campo, poucos profissionais.

Analisando-se todas as respostas da pesquisa, verifica-se que a formação do corpo docente de Contabilidade é concentrada na área técnica, pois as especializações são específicas à área. A preocupação com o ensino e aprendizagem se faz após a inserção do mesmo na prática docente, e que muitas vezes é advinda pelas dificuldades encontradas, tais como: necessidades de técnicas de ensino, planejamento de aula entre outras.

Esta demora de aprendizado do próprio docente quanto à formação no ensino é percebida pelos mesmos, como podemos ver nas respostas dos questionários e das entrevistas. Eles sabem que uma melhora na sua formação também afetará a formação do discente e que sem dúvida alguma já percebe e solicita tal mudança no corpo docente.

Pela pesquisa arrisco a pontuar alguns itens que podem contribuir para a melhoria do corpo docente do curso de Contábeis. Em primeiro destaque um aumento no número de cursos de mestrado no país. Apesar de não ser comprovado e muito debatido que realmente a o mestrado ou doutorado qualifique como docente, este demonstra ao menos o interesse do professor em se aperfeiçoar na docência, o que pode ser entendido como um bom sinal. Este deve ser seguido por uma política institucional das IES para motivação do corpo docente em se capacitar, pois se não houver esta busca não haverá a necessidade de ampliação dos cursos *strictu sensu*. Outra medida é a melhoria de salários que não é só restrito ao curso de Contábeis e sim a toda a esfera universitária. Há ainda que se incentivar as pesquisas na área do ensino em Contabilidade bem como nas demais áreas.

Seguem como sugestões alguns pontos para futuras pesquisas: Sob que aspecto é avaliado o professor de Contabilidade; Quais instrumentos didático-pedagógicos têm um melhor resultado dentro das disciplinas técnicas de Contabilidade; A contraposição do aspecto do bom professor tanto pelo aluno quanto pelo próprio professor; Um comparativo das formas de ensino da Contabilidade no Brasil, nos EUA e na Europa, entre muitos outros necessários ao preenchimento da lacuna pedagógica existente no curso.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Perfil do Leitor Colonial**. Ilhéus: UESC, 1999.

AUFIRAS, Monique. Uma Entrevista com Jacques Le Goff. Traduzido por Monique Augras. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 262-270. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/89.pdf>. Acessado no dia 10 de abril de 2008.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia da Pesquisa**: monografia, dissertação, tese. São Paulo: Atlas. 2007.

BRASIL, Resolução n.º 10 de 16 de dezembro de 2004 do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Ciências Contábeis, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em. http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces10_04.pdf. Acessado dia 02 de dezembro de 2009.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia**: a escola dos *Annales* (1929-1989). 2. ed. São Paulo: Unesp. 1992. p.151.

CEFET. **Uma Nova Visão Sobre o Ensino Profissional para a Indústria**. Disponível em <http://www.cefet-rj.br/memoria/texto3.html>. Acesso no dia 17 de julho de 2008.

CELERINO, Sidnei, PEREIRA, Wally Fonseca Chan. **Atributos e Prática Pedagógica do Professor de Contabilidade que possui êxito no Ambiente Universitário**: Visão dos acadêmicos. Revista Brasileira de Contabilidade, ano XXXVII, nº 170, março/abril 2008. p.65-77.

CUNHA, Maria Isabel da. **O Bom Professor e sua Prática**. 18. Ed. São Paulo: Papyrus. 1989.

DIAS, Cláudio M. P. *et al.* **A Visão do Bom Professor pelos Alunos dos Cursos de Contabilidade, Administração e Gestão Pública da Universidade Tiradentes de Aracaju/SE**. Organização Maria Inêz Araújo. Aracaju: editora UFS. 2009.

DI GIORGI, Wanny Arantes Bongionvanni; PIZOLATO, Célia de Lima; MORETTIN, Ana Aparecida. **Competências, habilidades e o ensino superior de contabilidade**. In: II FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE CONTABILIDADE. Rio de Janeiro. 2001. Disponível em <http://www.wannydigorgi.com.br/paginas/artigos/Artigo%20Comp%20e%20Hab.html>. Acesso dia 25 de setembro de 2009.

FAHL, Alessandra Cristina, MANHANI, Lourdes Pereira de Souza. **As perspectivas do profissional contábil e o ensino da contabilidade**. Disponível em <http://www.uesb.br/eventos/seminariodecontabilidade/artigos/artigos/Pespectiva%20da%20Pr ofiss%C3%A3o%20Cont%C3%A1bil.pdf>. Acesso no dia 22 de junho de 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Didática do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas. 2008.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Disponível em www.educacaosuperior.inep.gov.br. Acesso no dia 10 de agosto de 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp. 1999 p. 171.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Teoria da Contabilidade**. 8. ed. São Paulo: Atlas.

MARION, José Carlos. **A discussão sobre a Metodologia de Ensino Aplicável à Contabilidade**. FEA/USP. São Paulo. 1999.

NOSSA, Valcemiro. **Formação do Corpo docente dos Cursos de Graduação em Contabilidade no Brasil: uma análise crítica**. Cadernos de Estudos, São Paulo, FIPECAFI, n.º 21, maio a agosto. 1999.

NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984.

OLIVEIRA, Cristina G. Machado de. **Conceito de História**. Disponível em <http://www.filosofiavirtual.pro.br/historiamarx.htm>. Acessado em 11 de maio de 2008.

PASSMORE, John. **The Philosophy of Teaching**. Traduzido por Olga Pombo. London: Duckworth, 1980, PP. 19-23.

PELEIAS, Ivam Ricardo *et al.* **Didática do Ensino da Contabilidade: aplicável a outros cursos superiores**. São Paulo: Saraiva. 2006

PELEIAS, Ivam Ricardo *et al.* Evolução do Ensino da Contabilidade no Brasil: uma análise histórica. In: **Revista Contabilidade e Finanças: USP**. Edição 30 anos de Doutorado. p. 19-32, junho de 2007. Disponível em http://www.eac.fea.usp.br/cadernos/completos/30anos/ivam_glauco_joao_amanda_pg19a32.pdf. Acessado no dia 10 de maio de 2008.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed. 2000

RICARDINO, Álvaro. **A Metafísica da Contabilidade Comercial e a História das Aulas de Comércio**. 1º Seminário USP de Contabilidade. 01 e 02 de outubro de 2001. Disponível em http://www.fucape.br/admin/upload/centro_pesquisa/2001-45metafisica.pdf Acesso no dia 20 de maio de 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas. 1999.

RODRIGUES, Izabel Cristina de Melo. **Minidicionário Escolar Língua Portuguesa**. São Paulo: Rideel, 2001.

RODRIGUES, Maria das Graças Vilella. **Metodologia da Pesquisa: elaboração de projetos, trabalhos acadêmicos e dissertações em ciências militares**. 2. ed. Rio de Janeiro: EsAO. 2005.

SANTOS, Lenalda Andrade, ROLLEMBERG, Maria S. T. **UFS: história dos cursos de graduação**. São Cristóvão: Editora UFS. 1998.

SILVA, Antonio Carlos Ribeiro da; MOURA, Herval Silva. **Retrospectiva Histórica do Ensino Superior de Contabilidade no Brasil**. Disponível em <http://www.nossocontador.com/Artigos/29.pdf>. Acessado no dia 10 de maio de 2008.

SILVA, Cleide Carneiro A. da, *et al.* **A História da Contabilidade no Brasil**. UNIFACS. Disponível em <http://www.revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/viewPDFInterstitial/299/247>. Acesso em 20 de maio de 2008.

SILVA, Flávio Henrique Menezes da. **Desmundo, de Ana Miranda: a reconstrução ficcional da história do Brasil colonial**. 2008. 93 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

STRASSBURG, Udo. **Avaliação do Professor de Contabilidade: algumas considerações**. Revista Brasileira de Contabilidade, ano XXXII, nº 141, maio/junho 2003. p.91-97.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007. p. 237-317.

VILLELA, Américo Baptista. **Entre a Memória e a História: o ofício do historiador**. Trabalho apresentado ao Seminário Organizado pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. 22 de maio de 1995. Disponível em: http://www.campinas.sp.gov.br/cultura/uploads/2007/05/museus/muci/pdf/entre_memoria_historia.pdf. Acessado no dia 08 de maio de 2008.

APÊNDICES

Apêndice I: Questionário de entrevista dos professores

Apêndice II: Carta de concessão de direitos

Apêndice III: Entrevista professores UNIRG

Apêndice IV: Entrevista professores UNIT

Nome: _____

Questionário de Coleta de Dados para Dissertação de Mestrado

01. Qual o tempo de docência superior?

(0) 0 a 2anos (1) 3 a 5 anos (2) 6 a 7 anos (3) 8 a 10 anos (4) acima de 10 anos

02. Qual a sua formação em pós-graduação?

(2) Especialização. Qual área?

(3) Mestrado. Qual área?

(4) Doutorado. Qual área? _____

(0) não tenho.

03. A formação que tive me preparou de modo satisfatório para exercer as funções de docência a nível superior.

(4) Concordo Plenamente	(3) Concordo mais que discordo	(2) Indeciso	(1) Discordo mais que concordo	(0) Discordo plenamente
---------------------------------	--	-------------------	--	---------------------------------

04. A Faculdade que trabalho sempre me proporciona cursos de atualização para o exercício da docência.

(4) Concordo Plenamente	(3) Concordo mais que discordo	(2) Indeciso	(1) Discordo mais que concordo	(0) Discordo plenamente
---------------------------------	--	-------------------	--	---------------------------------

05. Estou no trabalho de docente por me identificar com a profissão e suas perspectivas.

(4) Concordo Plenamente	(3) Concordo mais que discordo	(2) Indeciso	(1) Discordo mais que concordo	(0) Discordo plenamente
---------------------------------	--	-------------------	--	---------------------------------

06. Eu busco promover a interação entre os alunos através de trabalhos e discussões.

(4) Concordo Plenamente	(3) Concordo mais que discordo	(2) Indeciso	(1) Discordo mais que concordo	(0) Discordo plenamente
---------------------------------	--	-------------------	--	---------------------------------

07. Eu mantenho um relacionamento cordial com os alunos.

(4) Concordo Plenamente	(3) Concordo mais que discordo	(2) Indeciso	(1) Discordo mais que concordo	(0) Discordo plenamente
---------------------------------	--	-------------------	--	---------------------------------

08. Eu procuro me atualizar sobre a profissão contábil e o mercado de trabalho, bem como na área pedagógica.

(4) Concordo	(3) Concordo mais	(2) Indeciso	(1) Discordo mais	(0) Discordo
-------------------	------------------------	-------------------	------------------------	-------------------

UNIRG UNIT

17. Sexo: Masculino Feminino

18. Idade: 21 a 25 26 a 30 30 a 35 35 a 40 acima de 40

19. A atividade de docência é minha principal fonte de renda: sim não

20. Meu tempo de dedicação à Faculdade é:

08 horas 12 a 16 horas 18 a 24 horas 26 a 30 horas 32 a 40 horas
 40 horas com dedicação exclusiva

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

ARACAJU, _____ de _____ de 2010-05-18

Eu,

Est. Civil: _____ RG: _____,

declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em _____ de _____ de 2010 para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data, como fonte para a Dissertação de mestrado do pesquisador CLAUDIO MARCOS PRAXEDES DIAS. Da mesma forma autorizo a sua audição e o uso das citações a terceiros, ficando vinculado o controle e gravação da mesma ao pesquisador supra citado.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura

Entrevista efetuada em 31 de janeiro de 2010, com os professores Victor de Oliveira e Gilberto Amorim, ambos docentes do Centro Universitário de Gurupi – UNIRG.

Entrevistador – entrevista com o professor Victor, ele é mestre em Ciências Contábeis pela Universidade de São Paulo e um dos escolhidos para entrevista pelo Centro Universitário – UNIRG. Victor, como foi o seu caminho para chegar a ser professor universitário?

Victor – embora a gente já tinha assim, na família.. já vários professores, pai, mãe, avós, mas a escolha de ser professor foi mais um acaso e não foi porque já tinha aquele sonho de ser professor, aquela tendência para ser professor, foi através de um acaso, de um convite de um coordenador de curso e pelo desafio da profissão e acabou acontecendo, mas não foi algo planejando e sonhado antes não.

Entrevistador – e o quê que você acha que na sua formação desde a sua graduação até sua formação de hoje que contribuiu isso na sua vida docente? De que forma foi feito?

Victor – olha, na formação mesmo, é.. desde a graduação até o mestrado, pontualmente mesmo, apenas o mestrado contribuiu para a vida docente, porque na graduação mais foi o ensino técnico de contabilidade, na pós graduação mais específico ainda, que foi em auditoria, mais específico para você ser um profissional da auditoria, apenas o mestrado que lá teve uma formação mais sólida na área de pesquisa, na área de docência, tinha disciplina com mais ênfase em docência que contribuiu, mas antes do mestrado na minha formação básica mesmo de contadora não teve nenhuma contribuição antes não.

Entrevistador – e nessa formação que você cita, do mestrado, é utilizado como estudo de caso, são demonstradas as técnicas pedagógicas por eles também?

Victor – na formação do mestrado ele ajudou em dois sentidos. Ele ajudou primeiro como havia falado antes, pelo fato de... do mestrado específico que fiz.. ele era voltado muito forte para docência, então no mestrado específico que eu fiz lá tinha disciplinas voltadas para isso, tinha reflexões voltadas para isso e tinha professores preocupados com isso, porque no mestrado os professores preocupavam da seguinte forma: como a gente estava buscando alguns conhecimentos é.. mais é.. mais sólidos na área contábil a gente depois ser o

facilitador, o educador desses conhecimentos para outras regiões do país, então foi muito no cobrado no mestrado em todas as disciplinas o preparo para a docência. Então assim, o mestrado ajudou muito nesse sentido, essa é uma área que o mestrado ajudou. E outra área também que o mestrado por uma questão natural, ele acaba te.. te educando para ser pesquisador, então antes de você fazer o mestrado, pelo menos é uma questão minha, pessoal, você passava o conhecimento muito técnico e muito superficial. Quando você faz o mestrado você passa a ser pesquisador, então quando você vai ministrar uma aula, você procura não passar mais o tema de forma superficial cê procura primeiro pesquisar mais sobre aquele tema, cê já tem um critério melhor, um senso crítico melhor como pesquisador, então você vai aprofundar mais para passar um conteúdo melhor, um conteúdo mais aprofundado para seus alunos, então uma questão foi essa que o mestrado ajudou a preparar a outra foi a questão de se tornar um pesquisador natural, pelas exigências do mestrado você passa a ser educado para isso e o terceiro no mestrado você passa também a sentir desejo e consegue ao menos algumas vezes no ano publicar alguns artigos, participar de congressos, traz essa diferença toda dos artigos, dos congressos para sala de aula, então isso ajuda muito você como professor, a ter um conteúdo mais robusto para as suas disciplinas

Entrevistador – e você tem uma preocupação, é feita essa formação contínua que mesmo o conselho federal exige isso daí, mas tem essa preocupação em estar fazendo, como que é isso?

Victor – naturalmente, eu acho que um dos grandes ganhos de ser professor é que o profissional contábil no escritório, na empresa ele é específico naquilo que ele trabalha atender o fisco, aquelas questões tributárias, o planejamento tributário que ele trabalha, agora o professor ele é obrigado por questão natural da profissão ele além de entender de forma aprofundada as suas disciplinas que ele ministra ele é obrigado também entender a contabilidade como um contexto geral maior porque se ele está numa rodada de conversa com um aluno, com professores, participa de um congresso não pode ficar alienado das outras disciplinas que ele ministra, então o professor naturalmente ele é obrigado a estar sempre estudando, participando de congresso, é.. ministrando palestra... é um estudante contínuo o professor... mas além disso também, dos estudos contínuos como professor a gente procura sempre participar de congressos, a gente procura sempre participar de cursos voltado para a profissão contábil e assim também a gente procura também é.. um objetivo pessoal de tentar cada vez mais estudar, entender mais a área contábil para poder tentar continuar com a formação, fazer um doutorado, pós doutorado na área contábil

Entrevistador – então como é sua relação com os alunos quanto a transmissão do saber, como que você visualiza isso em sala de aula? Você explicando, você transmitindo, a participação dos alunos, porque a transmissão do saber é diferente do somente jogar o conhecimento.

Victor – olha, isso aí é um desafio contínuo, porque você vai fazendo um curso, fazendo uma pós graduação, cê faz um mestrado, ajuda muito, muito, muito na didática, nas questões... ainda mais para a profissão nossa... não tem uma formação didática pedagógica na graduação, então mas isso aí... a questão da transmissão ela vai muito também da questão da experiência, de você entender o lado psicológico do próprio aluno, entender como ser humano, então isso aí a cada tempos e tempos vai mudando as gerações, vai mudando a cultura das pessoas... essa aí a gente tá apanhando muito.. então a única forma que a gente procura ver a melhor forma de ver isso aí é a cada período de tempos e tempos é dar um puxão de orelha e entender um pouquinho mais os estilos cognitivos dos alunos, a forma que eles pensam, transmite conhecimento, mas essa aí é uma das tarefas mais desafiadoras que eu vejo quanto professor.

Entrevistador – nessa sua formação, mestrado, auxiliou nessa percepção na mudança de cenário?

Victor – se eu fosse analisar só o mestrado em si ele ajudaria muito pouco, o que ajudou um pouquinho a mais foi que no mestrado a minha pesquisa foi na área de ensino, aí na minha pesquisa fui obrigado a ler obras, estudar que cada aluno pensa de uma forma diferente, cada aluno tem um estilo de aprendizado diferente, então isso aí ajudou muito, mas pela pesquisa que eu fiz, não pelas formações que eu tive né.. então foi porque eu tive uma sorte de fazer uma pesquisa na área de ensino, então isso por um lado ele ajuda e por outro lado pesa muito na nossa consciência porque pra você ter o conhecimento, e cada aluno cê tem que entender o ser completo, que cada aluno tem uma forma diferente de aprender, então a cada semestre você fala ô meu Deus, erreí tanto com aqueles alunos, então agora vou arrumar outra forma porque na teoria funciona assim, nas pesquisas funciona assim, então isso aí me incomoda muito a cada semestre e a gente vê que o perfil dos alunos que estão hoje ingressando na instituição do qual a gente trabalha, eles são muito...estão bem distante do perfil de dez anos atrás, então isso aí.. por mais que a gente fala hoje eu sei, metodologias para transmitir o conhecimento, metodologia melhor de entender o aluno, cê nunca vai falar que cê sabe porque

na próxima turma do semestre que vem porque pode ter pessoas com estilo cognitivo totalmente diferente, alunos com empenho com o curso totalmente diferente e você tem que começar do zero, então isso aí, essa avaliação de como fazer para transmitir esse saber a gente tem que fazer todo início de semestre, na primeira aula, mostrou o plano de disciplina a partir da segunda aula você começa a modelar como fazer porque cada turma a forma de transmitir o saber é completamente diferente

Entrevistador – e nessa sua percepção de docência, você sente alguma deficiência ou a percepção em relação ao próprio professor, daqueles professores que não possuem nenhuma formação pedagógica, que ainda se detém simplesmente ao ensino técnico?

Victor – olha, posso falar por mim mesmo sabe. Assim, quando se tem a formação técnica, eu falei antes que a gente veio do mercado e caiu de pára-quedas na profissão de professor, então você quer empurrar de goela abaixo para o aluno a questão bem técnica assim, bem superficial, muitas vezes dar provas bem técnicas e até recentemente provas bem técnicas... agora quando você começa a entender da parte pedagógica, você entende um pouquinho de psicologia, um pouquinho de pedagogia, você começa a entender dessas áreas você vê que tem como passar o conhecimento técnico sim, temos o dever porque tem ali a ementa o conteúdo pra cumprir... só que a forma de passar, conhecendo um pouquinho mais de didática, um pouquinho mais de psicologia, ela encanta mais o aluno, você possibilita o aluno a uma aprendizagem melhor, do que você só ter a formação técnica, inclusive é uma das questões que a gente até discute muito, muitos professores do curso e se ele não tem essa formação pedagógica, se ele não tem nenhuma área, nenhum curso seja antes da graduação seja após a graduação, mestrado na área pedagógica, ele busca nem que seja em congresso, em workshop, em próprio mestrado ou em próprio curso de pedagogia em outras áreas porque o conhecimento ele fica muito mais aprofundado quando você tem uma forma melhor de transmitir isso aí e a gente vê que quanto mais a gente busca mais certeza a gente vê que a deficiência da nossa área contábil, da área pedagógica é grandiosa, então a questão da pedagogia e psicologia ela acaba sendo um mistério para o contador quando ele tá aí na frente de seus alunos né

Entrevistador – então na sua opinião o mestrado o doutorado ele contribui de forma significativa do professor dentro de sala de aula, porque nós sabemos como pesquisador não

há o que se questionar, mas na sua percepção dentro da sala de aula, ou ele simplesmente dá uma base, como que você vê isso daí?

Victor – eu vou falar assim...pelo conhecimento que eu tenho, os outros.. assim digamos.. os outros pesquisadores que a gente convive, os outros professores que a gente convive, para que o mestrado e o doutorado ele faça alguma diferença, isso aí depende muito de dois quesitos, depende muito do programa do mestrado que tem programa de mestrado que quer passar mesmo, aprofundar na questão do mestrado específico das questões técnicas, então ele depende do programa e ele depende também do dom da pessoa também como professor, porque as vezes a pessoa ela não tem o dom como professor, ela faz o mestrado o doutorado e ela se torna um professor pior do que muitos graduados e especialistas.. porquê? Porque.. tem muitas experiências de colegas nossos professores que fez o mestrado, fez o doutorado no entanto não tem o pedigree não tem a vocação para ser professor... aí fica uma situação ruim, porque ele não tem didática, ele não sabe transmitir o conhecimento para o aluno e acha que o título é muito.. então ele acha ah eu sou doutor, eu sou mestre, então eu sou o tal, mas muitas vezes, você pega aí as vezes um especialista que é professor ou até mesmo um graduado, em algumas poucas faculdades aceitam um graduado ser professor, ele tem toda uma formação pedagógica, tem todo um dom pra ser professor e ele vai ministrar sem dúvida nenhuma uma aula melhor que um doutor, do que um mestre, porque o doutor e o mestre ele dá uma formação sólida para ser pesquisador, mas ser um bom pesquisador não te garante ser um bom professor... então você ter um bom título, você pode ser até PHD, até no meu próprio mestrado eu tive professores que era pós doutorado mas ele não tinha paciência nenhuma para ser professor, era um professor horrível, um péssimo professor, então para que o mestrado e doutorado faça a diferença, a pessoa além do mestrado e doutorado ela tem que ter uma vocação para ser professor e mais ainda, o programa de doutorado e mestrado ele tem que frisar a docência, ele vai sair um técnico tal como um técnico de graduação.

Entrevistador – e na sua opinião, já tá um bom tempo dentro da parte de docência o que deveria ou o que poderia ser mudado na graduação do profissional em contabilidade para que ele possa até mesmo identificar potenciais professores e prepará-los para dar aula, para ser professor?

Victor – acho que são duas coisas de tarefa, principalmente nos cursos de ciências contábeis noturno, as vezes tem um maternalismo dos professores de falar assim: o aluno já chega aqui

cansado, já chega desestimulado e tal e tal, mas a gente vê que o profissional, o estímulo do meio que ele vive é que vai dar a formação adequada para ele, então como a profissão de professor ela é uma das profissões de tantas profissões que o contador pode ter, a docência é uma das profissões que ele pode ter, então nada mais que a obrigação da graduação despertar o aluno para isso, mas ela só vai despertar o aluno para isso em dois sentidos, um é quando no decorrer do curso esse aluno ele nas aulas comuns nos trabalhos em sala de aula, nas aulas, os alunos possam ter condições de apresentar um trabalho de forma metodologicamente correta, o aluno tenha condições de ler um artigo, o aluno ele tenha condições de ter experiências, durante a graduação de atributos que são colocados para um professor porque se na graduação uma disciplina ou outra ele faz um trabalho e esse trabalho tem que ter um rigor didático para ser apresentado e tudo, ele vai vendo com o passar do curso se ele tem a vocação ou não, se ele tem o preparo ou não para ser professor.. e um outro também que poderia também estar incluindo também na graduação seja de forma obrigatória ou optativa alguma disciplina assim como as vezes tem numa pós-graduação, tem no mestrado ou até no doutorado, alguma disciplina voltada para a questão pedagógica para a questão didática porque tendo uma disciplina dessa dentro do curso ela não vai só ajudar que a pessoa tenha condições de definir se ela vai ser professora ou não, mas ela vai definir... pode ajudar essa pessoa se expressar bem como consultor, se expressar bem como palestrante, então a gente verifica que são duas ações, uma é essa contínua no decorrer do curso o aluno ter condições de experimentar um pouco o que é ser professor nos próprios trabalhos e uma outra é ter uma questão dentro do curso, uma disciplina seja optativa ou não para incentivar o aluno ou não em ir para docência também.

Entrevistador – e na sua opinião qual a postura atual exigida ao professor de contabilidade?

Victor – Olha hoje como a informação ela tá muito mais.. assim.. se você comparar com uma década atrás a informação hoje ela está mais dinâmica, hoje o estudante de contabilidade além da aula todos os dias, ele consegue via internet via uma revista da área, ele consegue uma informação de forma mais ágil, então hoje a gente verifica que o professor hoje ele é cobrado que ele seja muito mais que um professor, que ele seja um educador, a gente vê que o professor é cobrado que ele tenha os pensamentos mais ágeis, que ele procura informação também de forma mais ágil e mais ainda, eu acho que o professor de contabilidade ele vai ser mais sacrificado a partir do ano de 2008, de agora para frente porque a contabilidade agora tá tendo uma mudança radical, tanto faz a esfera privada ou pública a contabilidade tá tendo um

rumo muito forte para contabilidade internacional, em qualquer esfera, seja pública ou privada. Então quer dizer o que, para nós que somos professores a muito tempo, muitas verdades, muitos paradigmas que a gente tinha a gente vai ser obrigado a trocar esse paradigma e entender a contabilidade de uma forma mais gerencial, de uma forma mais ágil e ter um foco maior que o usuário da informação contábil de maior relevância é o investidor é o detentor do capital é não o fisco, então neste sentido na internacionalização da contabilidade de 2008 pra cá, é uma tendência que não vai voltar mais até para fortalecer as instituições brasileiras vai ser nos cobrado também do professor, que é o professor que tem mais tempo de docência a quebra de fortes paradigmas, de entender a contabilidade de uma forma um pouco deferente que ele teve até mesmo em sua formação de graduação

Entrevistador – e finalizando, como é feito seu planejamento para as aulas, é antecipado, é discutido, é repensado... como é feito isso daí?

Victor – olha, até uma experiência diferente este semestre que a gente tá passando, tentei conversar com professor que iria seguir com minha matéria no semestre seguinte, este semestre de uma forma até diferente um pouco dos demais, porque antes a gente planejava assim, um mês antes das aulas, uns quinze dias antes das aulas cê fazia um planejamento, já tinha vivência de vários anos de professor, ia lá e fazia o planejamento. Mas como eu falei numa pergunta anterior aí com relação a transmissão do conhecimento, eu vi que está entrando pessoas cada vez mais jovens na faculdade e pelo menos com experiência da faculdade daqui ao qual a gente trabalha, pessoas com pouco conhecimento da área contábil, diferente de dez anos atrás que entrava mais os técnicos em contabilidade, então eu fui muito surpreendido nos últimos três anos ao deparar com pessoas jovens e sem conhecimento de contabilidade, diferente dos técnicos com mais idade que tinham uma maturidade pra o conhecimento da área contábil. Então em função disso eu tive que mudar radicalmente o plano de disciplina aonde que... primeiro, tinha que fazer ele com mais antecedência.. aproveitei o recesso escolar pra poder fazer, essa foi uma mudança radical que tive que fazer que antes eu fazia poucos dias antes do início das aulas, tive que mudar o plano de disciplina fazendo um pouco mais tempo e pensando em cada aula e o porque que ela existia. Segundo, este semestre vai ter que mesclar um pouquinho para atender esse público jovem com pouco conhecimento de contabilidade vai ter que inserir um pouco de vídeos na área contábil, vai ter que inserir uma pesquisa de campo pra eles entender um pouco da realidade lá...como fazia antes, vai ter que inserir no plano de disciplina e o outro que a gente já fazia antes, vai ter que

intensificar um pouquinho mais é a questão dos jogos e estudo de caso, vai ter que intensificar mais para poder demonstrar pra esse público que está entrando agora a importância da profissão, a importância de estudar as disciplinas minhas, então eu acredito que tive uma mudança radical e vou ter uma segunda mudança radical no segundo semestre pensando aí além de incluir todas as questões para atender esse público jovem também incluir aí também as mudanças que está tendo na profissão contábil também.

Entrevistador – Agradeço o professor Victor da Faculdade Unirg pela entrevista.

Entrevistador – Estamos com o professor Gilberto, prof. do Centro Universitário - UNIRG, foi um dos escolhidos junto com o prof. Victor para que se fizesse o trabalho qualitativo de entrevista. Prof. Gilberto, como foi o seu caminho para ser docente a nível superior?

Gilberto – bem, esse caminho veio em decorrência ao caminho que trilhava antes de chegar até ele. Eu era professor de ensino médio e concomitantemente atuava na área contábil e... por atuar na área contábil e ter formação pedagógica, me despertou e tive o interesse de vir para o nível superior atuar na área contábil quanto professor, e acho que em decorrência da minha formação eu fui sendo conduzido para esse caminho.

Entrevistador – Algo automático?

Gilberto – sim

Entrevistador – não foi o que nós percebemos em uma grande maioria é.. de sopetão, algo que surge da noite para o dia de estar como professor, no seu caso foi algo que foi caminhando aos poucos.

Gilberto – eu penso que ele foi resultado de uma decisão que eu havia tomado há alguns anos antes de ingressar nessa área, que foi a decisão de ser professor, de ser pedagogo, de atuar com a formação de pessoas e aí em decorrência disso, do decorrer do processo, eu também atuando como contador, as duas coisas se juntaram e aí por conta disso eu passei a.. Houve interesse em atuar na área superior.

Entrevistador – E nessa sua própria formação, que você possui a formação pedagógica, o quê que isso veio contribuir no seu ponto de vista para o ensino superior, para ser professor docente superior?

Gilberto – olha, eu acho, eu penso que sem essa formação eu não teria conseguido, eu não sei, eu penso que foi.. é tudo, foi fundamental é.. a minha formação pedagógica para a minha formação. Não consigo ver a minha atuação sem essa formação pedagógica. A maneira como atuei no ensino superior sempre foi buscando me assegurar no que foi aprendido em técnicas pedagógicas e aí me assegurar nelas e visualizar alguma metodologia que pudesse aplicar a este.. ao ensino

Entrevistador – e você acha q essa própria formação pedagógica tem que ser enfatizada, ela é extremamente essencial para os professores do nível superior?

Gilberto – eu penso que sim, eu penso que a formação pedagógica ela é fundamental não para professor, já penso que ela... dependendo se você é um líder, se você é uma liderança, se você trabalha com formação de pessoas ou trabalha com pessoas, você ter noção pedagógica, ter formação pedagógica é fundamental, e no ensino superior não é diferente, penso eu. Embora seja uma, uma... num contexto diferenciado, onde esta... se aplicar essas tendências de uma maneira diferente.. ela é fundamental, pensou eu

Entrevistador – principalmente que você tem uma realidade em que você foi formado pedagogicamente, pedagogo, você se formou em contabilidade, e você pode perceber dois ambientes, um ambiente em que eram professores que preparavam para serem professores e um ambiente em que tinham professores preparavam para atuar no mercado de trabalho como técnico. E esse ambiente, você percebeu que era bem diferente, bem conflitante, como que foi isso?

Gilberto – foi, olha eu quero até refazer o que disse anteriormente em relação a eu ter trilhado um caminho normal para chegar na docência superior e agora eu gostaria até de refazer essa resposta porque eu já sofri muito, eu já ter sido pedagogo, enquanto pedagogo, fazendo o curso de ciências Contábeis e vivenciando, passando por experiências, passando por professores sem aquela formação ou sem nenhuma experiência didática poderemos assim dizer, e isso provocava em mim uma certa.. para não dizer...é..uma certa insatisfação.. me

provocava uma certa angústia no sentido de contribuir, como eu poderia atuar quanto pessoa para poder contribuir para que essa situação se tornasse diferencial, e aí.. foi.. acho que já estou me perdendo na.. eu voltei na pergunta anterior.. mas é.. mas foi nesse contexto que eu penso que os professores quando estão atuando eles precisam de ter sim a formação pedagógica, ter noção do que estão fazendo. Penso eu que ter noções ou conhecimento pedagógico é você conhecer o que você está fazendo enquanto professor, penso eu que ser professor não é simplesmente tentar ensinar algo, ser professor é algo muito além disso, o que você tenta ensinar está inserido num universo maior e você precisa ter uma leitura desse universo e você precisa problematizar este universo para transformar isso em possibilidade de aprendizagem, não é simplesmente se pegasse um conteúdo e somasse dois mais dois são quatro, não é.. é preciso que você contextualize isso em um universo de mundo, no mundo, inserir no mundo desses acadêmicos, no mundo desses discentes, o que você conseguisse aí então.. é..oferecer a capacidade de... oferecer a possibilidade de ensino a esses discentes.

Entrevistador – E nessa formação, você sempre busca essa formação contínua, você tem essa preocupação, como isso é feito, é ofertado pela instituição, você busca isso lá fora?

Gilberto – olha, a instituição tem tentado nos ajudar nesse sentido e não têm sido muitos os investimentos voltados para esse... ficam mais nas reuniões, nas nossas buscas individuais. Mas é.. eu tenho buscado, penso eu que nós professores, essa busca ela é independente de curso independente de leitura, é uma leitura de mundo, é uma busca de mundo a cada momento, a cada situação, a cada modificação que eu percebo na vida...

Entrevistador – uma percepção da realidade...

Gilberto – a realidade... a cada percepção diferenciada já penso e repenso a minha maneira, já repenso a minha prática pedagógica. Se eu começo a visualizar diferente a realidade, a minha prática pedagógica já é modificada mediante a minha visão. Há uma dinâmica neste sentido, então eu penso e busco ler, eu busco ler o mundo, ler os livros, ler as tendências, ler.. o que eu puder para que eu.. mas não é uma religião.. poderíamos assim dizer, que eu tenha que ficar estudando todos os dias, é uma coisa natural do meu fazer pedagógico, a cada dia já estou buscando isso naturalmente.

Entrevistador – e você sente que esta própria readaptação ao contexto dinâmico que a gente vive, essa facilidade, essa percepção, essa visualização ela é facilitada pela sua formação pedagógica ou não, talvez seja intrínseco e mesmo eu não tendo essa formação e somente a formação contábil, eu teria facilidade, eu perceberia?

Gilberto – olha, eu penso que as duas coisas acontecem, é.. uma pessoa.. tem pessoas que buscam e conseguem.. conseguem encontrar um.. um caminho, uma diretriz que acaba levando ele a alcançar, mas a formação pedagógica sem dúvida é fundamental para que se consiga ter essa prática, mas ela também...mas você alcança, penso eu, que ela também é possível se alcançá-la até poderemos assim dizer, intuitivamente, na vontade que temos de fazer, a nossa capacidade de intuição nos leva a praticar e a conseguir fazer sem necessariamente ter passado pelo estudo sobre o assunto

Entrevistador – e como é essa sua relação com os alunos na hora de trabalhar a construção do conhecimento, a construção do saber, essa passagem do ensino?

Gilberto – olha, o princípio dessa relação eu estabeleço um diagnóstico, logo nos primeiros dias de aula, independente do planejamento, eu chego e preciso saber e sentir como é aquele ambiente, quem são aquelas pessoas, de onde elas vêm, como elas pensam o que elas desejam... e procuro com toda honestidade saber exatamente como é que é aquele ambiente... baseado naquele ambiente é que vou estabelecer a minha prática.. então cada ambiente é único, cada momento é único.. é um fazer constante.. é claro q temos nosso planejamento estabelecido de certa forma estático enquanto técnica enquanto disciplina, mas dinâmico no sentido metodológico, no sentido do fazer do aplicar o que ali está exposto e isso é modificado mediante a reação do meu.. dos meus alunos.. então a relação que eu tenho com eles é esta, de saber o que eles querem, quem eles são, o que eles desejam e se o que eles desejam não estiver indo em direção ao que eles estão pretendendo quanto futuros contadores aí eu procuro achar um caminho ou um atalho que possa fazer com que eles.. mesmo pensando daquela maneira consigam alcançar o que eles estão pretendendo enquanto objetivo.

Entrevistador – e você acha que essa formação, esta sua vivência, que esta falta, por assim dizer, de formação pedagógica, afeta muito o curso de ciências contábeis? Como que você vê isso naqueles profissionais que não tem realmente essa formação?

Gilberto – eu penso que sim.. eu penso que há uma dificuldade em ciências contábeis porque ela tem uma parte muito forte que é a técnica.. e nós sabemos que a técnica ela é adquirida à medida que você pratica, pratica, pratica ela vai se auto... se tornando automática. Então o mero ensino técnico, sem desrespeitar os ensinamentos técnicos, mas o ensino técnico que não é universal ele pode sim fazer com que uma pessoa adquira a técnica que faça ser .. ter .. fazer essa técnica com perfeição.. então penso que somos.. o curso é prejudicado devido a esse foco à técnica... eu penso que há uma dificuldade grande de se distanciar da técnica, de enxergá-la num universo social, de um universo humano, de um universo histórico, enquanto técnica, enquanto ciência, enquanto ação dentro desse universo.. eu penso que essa ausência de informação faz com que estas pessoas envolvidas só consigam enxergar aquela técnica e só praticá-la e aí ela não estando num contexto amplo, num contexto maior ela se perde em si mesma e fica simplesmente como técnica, não desrespeitando a técnica, ela é fundamental, mas penso que a ciência contábil ela é muito mais que a técnica e o saber universal nas ciências contábeis ela pode contribuir muito mais do que registrar fatos.. né.. tomar decisão, entender, compreender, fazer.. é.. diagnosticar, oferecer um.. um.. uma leitura do contexto econômico, do contexto financeiro, mas uma leitura contextualizada num ambiente em que esta técnica esteja inserida, não apenas em números, em índices...

Entrevistador – e você acha que o mestrado, o doutorado ele pode contribuir para a melhoria do professor em sala de aula ou algo mais ainda, a própria formação pedagógica?

Gilberto – eu penso que contribuí muito, inclusive eu sonho com isso.. penso que me falta a formação para atuar enquanto pesquisador e acho que a sala de aula de uma universidade, de uma faculdade é preciso não só o ensino em si mas a pesquisa é fundamental também, e a ausência dessa formação, as vezes por mais que a gente busque é.. é.. atuar enquanto método pedagógico correto, sem essa formação de pesquisador, a gente fica meio que manco no trabalho, eu acho que ele seria o que a gente poderia alcançar mesmo, acho que é um degrau necessário num professor de ensino superior, é um degrau que vai dar a ele uma potencialidade, uma capacidade de se.. num contexto geral, num contexto amplo oferecer aos seus educandos o ensino de fato, o ensino...

Entrevistador – um dos alicerces por assim dizer..

Gilberto – exato, exato...

Entrevistador – e na sua opinião o que poderia ou deveria ser mudado, modificado, adequado na formação do profissional em contabilidade, do graduado para que ele possa vir ou que proporcione ele a opção de ser professor de contabilidade?

Gilberto – bom.. eu penso que deveria ter uma disciplina didática, deveria ter alguma coisa voltada para a didática dentro do curso, até independente se ele vai atuar como professor ou não, mas se ele for atuar enquanto palestrante ou enquanto é.. conferencista, alguém que vai repassar alguma coisa, essa noção didática, esse amor ao ensino, essa capacidade de enxergar ou de buscar metodologias que possam oferecer, hã.. oferecer uma possibilidade de.. de exposição do que se sabe é fundamental.. então eu penso que se os cursos tivessem essa disciplina, independente se ele for atuar enquanto professor ou não, a didática é fundamental em qualquer situação da nossa vida

Entrevistador – e como é essa relação, é.. não tanto a relação, mas a sua visão da postura do professor de contabilidade atualmente? Nós estamos vivendo principalmente.. quando verificamos uma economia tão dinâmica, avassaladora em certos momentos, qual a postura do professor de contabilidade?

Gilberto – bom, eu penso ainda, volto no que já havia falado, eu penso que o professor em contabilidade ainda está focado na questão técnica não consegue se distanciar da técnica e problematizar a questão contábil enquanto capacidade de ensino, enquanto problemas de ensino ele... ele...fica ainda perdido em.. em oferecer a técnica e fazer que.. imaginar que ser contador é ser capaz de realizar a técnica com perfeição, concordo, é correto mas ser contador é muito mais que isso. Então acho que a postura dos professores a nossa postura está muito presa a questão técnica, acho que a gente deveria se soltar mais da técnica e buscar mais o contexto, o contexto universal poderíamos assim dizer do conhecimento, inserir a técnica num universo vivo, num universo histórico e não num universo meramente técnico...

Entrevistador – estático?

Gilberto – exato..

Entrevistador - e como é feito o planejamento seu em sala de aula, como que isso é dinamizado?

Gilberto – olhe, o meu planejamento.. aqui nós já temos um.. aqui na faculdade, na universidade, nós já temos um modelo, poderíamos assim dizer, uma regra estabelecida para nós, a gente faz antes... esse planejamento é feito antes que as aulas iniciem...mas o que já havia dito anteriormente, aí eu faço e aí esta...esse cronograma de trabalho das disciplinas.. eu estabeleço lá, vai de acordo com o cronograma.. agora a metodologia ela é dinâmica, ela não.. e eu procuro estar trabalhando.. e eu planejo todos os dias minhas aulas e elas estão lá já planejadas, mas elas são replanejadas todos os dias e eu venho com duas ou três cartas na manga enquanto metodologia, dependendo de eu chegar e da reação que eu encontrar eu busco uma outra metodologia que não aquela que eu havia pensado antes, até por respeitar o que eles desejam, o que eles querem e isso facilita, eu penso que eu tenho alcançado êxito nesse sentido porque há uma satisfação na medida em que eu não imponho o que eu gostaria com a metodologia, eu busco deles e isto tem me ajudado bastante, então eu faço um planejamento a priori só que a questão da metodologia ela é.. ela é modificada de acordo com.. com

Entrevistador – com o contexto daquele dia...

Gilberto – com o contexto daquele dia

Entrevistador – agradecemos ao professor Gilberto pela entrevista e fica aí até mesmo a priori que nosso trabalho será repassado posteriormente para o professor Victor e professor Gilberto para que eles avaliem e dê um retorno.

Entrevista efetuada em 09 de fevereiro de 2010, com os professores Anderson Rêgo e Ângela Dantas, ambos os professores da Universidade Tiradentes de Aracaju/SE.

Entrevistador – Estamos com o professor Anderson, da UNIT, para efetuar a entrevista para o mestrado. Anderson como foi o seu caminho para ser professor universitário, para chegar a ser docente a nível superior?

Anderson – olha, para ser docente a nível superior, eu iniciei ensinando em curso técnico, formei-me em contabilidade, fiz o curso superior e iniciei num colégio particular ensinando curso técnico. Isso foi a motivação para que fosse convidado pra ensinar aqui na instituição.

Entrevistador – você está sendo praticamente o professor mais antigo na casa no curso de ciências contábeis né?

Anderson – com certeza, precisamente agora em fevereiro eu completei vinte e quatro anos de docência aqui na Universidade Tiradentes e atualmente eu sou o mais antigo.

Entrevistador – e o quê que você acha que na sua formação contribuiu pra prática docente?

Anderson – olha, na minha formação para a prática docente, inicialmente o curso superior que eu fiz na instituição (UNIT), depois a experiência que eu tinha na atividade de contador já há bastante tempo quando eu iniciei já tinha quinze anos de profissional de contabilidade como curso técnico e posterior como curso superior e também contribuiu o período que passei lecionando a nível de segundo grau.

Entrevistador – Anderson você acha que a formação pedagógica ela é essencial pra prática docente, visto que no curso de ciências contábeis não há nada voltado para ser docente, para ser professor?

Anderson – com certeza, isso é uma necessidade que tem de todos nós passarmos por isso e quando eu iniciei sempre me espelhei nesse aspecto com os professores que eu tinha que eram didatas efetivamente.

Entrevistador – normalmente para ministrar aula a gente tem o reflexo dos nossos professores, aqueles professores que espelham de modo positivo e negativo, foi assim com você então.

Anderson – justamente, foi justamente isso, eu me espelhei, não tinha experiência em sala de aula e cataloguei aqueles professores que eu via na minha ótica que eram mais, tinham mais didática e os copiei.

Entrevistador – que tipo de formação contínua você procura sempre fazer?

Anderson – olha, como formação contínua a leitura é o principal, estar sempre se atualizando com o mercado, com as tendências e na medida do possível cursos.

Entrevistador – então, como é a sua relação com os alunos quanto a transmissão do conhecimento, da sua prática profissional?

Anderson – olha, é a melhor possível. Procuo trazer pra sala de aula a experiência de mercado, que o aluno busque estar se atualizando. Tento aliar a teoria com a prática que adquiri em minha vida.

Entrevistador – na sua opinião o que você percebe quanto um ex-aluno, quanto professor, dos docentes que não possuem qualquer formação na área pedagógica?

Anderson – bem, é uma questão muito difícil porque tenho só o contato rápido com os professores, mas pelos que escutamos dos alunos, alguns têm dificuldades sim. O que nos passam é que alguns professores tem dificuldades em sala de aula, e isso possa ser um reflexo da formação.

Entrevistador – então você acha que o mestrado, o doutorado pode contribuir de alguma forma para a melhoria do professor em sala de aula?

Anderson – veja bem, eu acho que qualquer conhecimento que se é agregado contribui muito em sala de aula. Porém, necessariamente ser mestre não te dá a certeza de ser um bom professor em sala. Ainda acho que o conhecimento técnico tem que existir, ele é essencial

tendo em vista que o nosso curso é profissionalizante e muitas vezes o mestrado não proporciona isso.

Entrevistador – Nesse sentido então, o que você acha de deveria ser mudado no curso de contabilidade, tendo em vista que professor é um dos ramos de atuação do contador, conforme até mesmo o CFC, para que proporcione uma opção do aluno em ser docente?

Anderson – olhe, eu acho que os conselhos estaduais, o conselho federal deveriam buscar uma maneira de incentivar a prática docente, de valorizar a atuação do professor.

Entrevistador – então você acha que a remuneração do professor em detrimento à remuneração do mercado para o profissional técnico é um fator que desestimula a docência?

Anderson – com certeza, a remuneração do professor não é atrativa. Entretanto é recompensadora em outros aspectos, haja vista que já estou a vinte e quatro anos na área.

Entrevistador – Qual a postura do professor de contabilidade nos dias atuais?

Anderson – olha, o professor de contabilidade tem que estar atualizado com as mudanças no cenário contábil, a lei 11.638. Então o profissional tem que estar sempre atento a essas mudanças, na área tributária, na área comercial, como havia dito, nosso curso é profissionalizante e necessita de profissionais que estejam atualizados.

Entrevistador – como é feito seu planejamento em sala de aula?

Anderson – ele é feito conforme a ementa, planejado antes do início das aulas de acordo com o conteúdo a ser ministrado.

Entrevistador – é feita alguma adequação no decorrer das aulas, do semestre, pois mesmo ministrando uma mesma disciplina a turma não é a mesma, não é homogênea, você faz alguma alteração então?

Anderson – sim, claro. Quando a gente percebe que a turma tem necessidades, alguns aprendem mais rápidos, outros nem tanto, procuro realinhar o conteúdo, a forma de ensinar, tentando melhorar a compreensão das aulas

Entrevistador – Agradecemos a colaboração do professor Anderson.

Entrevistador – Estamos com a professora Ângela Dantas da Universidade Tiradentes, uma das escolhidas para entrevista. Ângela qual foi o seu caminho para ser professora universitária?

Ângela – bom, para ser professora universitária eu entendo que primeiro você tem que ter uma bagagem de conhecimento tanto técnico como na nossa área que é a contabilidade né, cê também tem que ter conhecimento profundo do que o mercado está exigindo e as exigências tributárias, as exigências legais. Então eu sempre me procurei manter atualizada sobre isso, atuo como contadora tenho escritório próprio pra isso, faço consultoria de empresas, então eu entendo que estava habilitada para ser professora universitária.

Entrevistador – e como que isso começou, qual foi o passo, como se deu essa entrada na docência?

Ângela – a minha entrada na docência veio por convite, por um convite pessoal, da coordenação, eu anteriormente a isso não tinha pensado em lecionar, tá, e com o convite eu comecei, eu refleti e me senti segura para ir para sala de aula pela bagagem que eu já tinha de atuação no mercado de trabalho.

Entrevistador – e na sua formação você sentiu que foi preparada para estar dentro da sala de aula ou houve um impacto na hora da docência, porque é diferente você atuar e você entrar dentro de uma sala de aula.

Ângela – não, realmente eu não estava preparada para uma sala de aula porque ela é diferente, a linguagem é outra né, muito diferente da gente lidar com aluno e com empresário tá, minha preparação foi para o empresário e como eu trato muito na área governamental e sempre fiz a assessoria direta de governador, de senador, então a linguagem era completamente diferente,

tive que correr atrás, estudar bastante, verificar o que estava dando, como o meu porte em sala de aula seria tá, e procurar atender a demanda dos estudantes

Entrevistador – então você acha que essa parte pedagógica que basicamente falta na nossa formação de contador ela é essencial para sala de aula?

Ângela – não posso dizer essencial, mas que contribui.. é meio a meio porque não adianta você ter uma bagagem pedagógica e se você também não tem uma bagagem do que você vai passar, da atualidade, do que tá ocorrendo no mercado se não cê tá formando pessoas que o mercado não quer absorver

Entrevistador – que tipo de formação contínua você busca fazer?

Ângela – eu, sistematicamente participo de seminários, de cursos, cursos online, cursos presenciais, tanto nos organismos autorizativos como Receita Federal, Secretaria da Fazenda como também nas entidades tipo IOB, FISCOSOFT. Como meta minha profissional eu faço cursos de atualização profissional no mínimo seis por ano.

Entrevistador – como é a sua relação com os alunos quando se busca transmitir o conhecimento, aquela sua experiência, a parte basicamente teórica?

Ângela – olha, a parte teórica a gente vê uma dificuldade muito grande em o aluno querer aceitar essa parte teórica. A gente procura sempre enfatizar que pra você ter um raciocínio lógico pra você poder desenvolver uma tese de uma defesa, a trabalhar com uma consultoria eficaz para aquele empresário que é o maior foco do nosso curso você tem que saber a teoria para poder aplicar é.. e interpretar a legislação devidamente e poder dar o seu serviço o melhor possível.

Entrevistador – e na sua opinião é.. a sua percepção em relação aos professores, aos docentes que não possuem nenhuma prática pedagógica, mesmo quanto aluno é... isso daí influenciava dentro da sala de aula, você acha que isso influencia, como que você vê isso aos professores contadores?

Ângela – olha, eu acho que a maior influência pedagógica eu acho que ela funciona tá, mas eu ainda acho que no nosso curso por ter um perfil muito técnico né, eu acho que é importantíssimo, o professor pode ter a bagagem pedagógica que for, mas se ele não tiver uma experiência, uma bagagem de mercado para passar pro aluno, entra um pouco...sinto que o aluno cria um certo descrédito com esse professor. Então eu acho que no curso de contábeis pesa cinquenta por cento pedagógico, cinquenta por cento mercado, conhecimento de mercado.

Entrevistador – e você acha que mestrado, doutorado influencia ou pode influenciar de alguma maneira dentro da sala de aula, tendo em vista que nosso curso é raro ter um mestre ou doutor?

Ângela – sempre conhecimento influencia né, então quanto mais você vai elevando seu grau de conhecimento... na hora que você se predispõe a um mestrado, a um doutorado você tá adquirindo mais conhecimentos, cê tá solidificando sua formação, então eu acredito que cê traz um diferencial sim pra sala de aula.

Entrevistador – e na sua opinião o quê que deveria ser mudado no curso de contábeis, na grade, até mesmo na percepção dos professores para que abra a possibilidade ou melhore até mesmo para o aluno sair de lá como docente ou visualizando ser docente, porque não há uma formação, normalmente os contadores professores eles caem como professor, não existe algo voltado a isso.

Ângela – é, realmente para isso teria que ter mais cursos na área, mais pessoas né, com curso de mestrado de doutorado para que tivesse um estímulo maior a ser docente tá, o que acontece é que no nosso curso o mercado de trabalho ele é muito atrativo, nós não temos problemas de colocação de mercado de trabalho pros nossos alunos que se formam. Eles realmente são bem absorvidos e é uma profissão que responde relativamente bem tá, não são grandes fortunas mas dá um equilíbrio médio de mercado. Então muitas vezes as pessoas na busca de logo ter uma recompensa salarial procura deixando de lado esses anos que você tem que se dedicar à docência, se capacitar pra docência tipo mestrado, doutorado e o mercado é quem realmente define essa situação.

Entrevistador – então você acha que um dos grandes problemas que a gente tem em não ter professor que se dedique integralmente à docência é propriamente ser mais atrativo atuar como contador do que propriamente como docente?

Ângela – não tenho a menor dúvida, em termos financeiros a recompensa é outra.

Entrevistador – qual a postura do professor de contabilidade exigida nos dias atuais?

Ângela – ah, tem que ser uma pessoa altamente atenta, globalizada que saiba o que tá acontecendo tanto no Brasil com a legislação do Brasil, com a legislação dos EUA, do mercado comum europeu principalmente né, porque a gente tem nossas indústrias... a gente tem indústrias com intercâmbio muito forte com nossos vizinhos, então tem que estar atualizado, é estar atualizado, tá se capacitando e tá o tempo inteiro vendo que o mercado tá...a tendência de mercado, como você vai qualificar seu aluno para que o empresário sintá nele um colaborador, sintá nele que vai ser o decisivo para sua empresa.

Entrevistador – professora Ângela, como é feito o seu planejamento em sala de aula o planejamento antes da aula se há uma modificação dentro no semestre, em decorrência de você conhecer a turma

Ângela – não resta a menor dúvida, a gente sempre quando.. na expectativa do início do semestre a gente prepara né, um...um plano de trabalho, mas no decorrer, dependendo como a turma respondendo você pode continuar com esse trabalho... com esse mesmo plano que você fez inicialmente ou você tem que fazer adequação, aliás como tudo você tem que adequar conforme vai desenvolvendo seu trabalho. De repente você tem um percalço em sala de aula, cê preparou o semestre e a turma é muito grande ou a turma não estava bem preparada ou não entendeu a sua linguagem, cê tem que adequar pra ela, é essencial.

Entrevistador – agradecemos a professora Ângela pela entrevista.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)